



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Ana Carolina Cardoso Souza

**O papel dos dêiticos em construções de contraste na esfera humorística:
uma análise sob a ótica da Gramática de Construções Baseada no Uso**

São Gonçalo

2023

Ana Carolina Cardoso Souza

O papel dos dêiticos em construções de contraste na esfera humorística: uma análise sob a ótica da Gramática de Construções Baseada no Uso



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Luiz Wiedemer

São Gonçalo

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

S729
TESE

Souza, Ana Carolina Cardoso.

O papel dos dêiticos em construções de contraste na esfera humorística: uma análise sob a ótica da Gramática de Construções Baseada no Uso / Ana Carolina Cardoso Souza. – 2024.

93f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Luiz Wiedemer.

Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Língua portuguesa – Gramática – Teses. 2. Língua portuguesa – Deixis – Teses. 3. Humor (Psicologia) – Teses.
I. Wiedemer, Marcos Luiz. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB7 – 6150

CDU 806.90-5

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Ana Carolina Cardoso Souza

O papel dos dêiticos em construções de contraste na esfera humorística: uma análise sob a ótica da Gramática de Construções Baseada no Uso

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Aprovada em 05 de fevereiro de 2024.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marcos Luiz Wiedemer (Orientador)
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof. Dr. Roberto de Freitas Junior
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Profa. Dra. Violeta Virginia Rodrigues
Universidade Federal do Rio de Janeiro

São Gonçalo

2023

DEDICATÓRIA

A minhas tias: Sônia Maria, Elizabete Maria e Maria Divina, que são exemplo de força, coragem e persistência para mim.

Aos meus pais, por todo esforço e sacrifício que fizeram pela nossa família.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sua forte presença em minha vida, por conceder tudo que tenho e que sou.

À Santa Tereza D'Ávila, padroeira dos professores, que sempre intercedeu por mim e sempre ouviu minhas orações.

A toda minha família, em especial meus pais, que sempre investiram na minha educação e acreditaram no meu potencial; também ao meu marido, que me incentiva todos os dias com palavras e gestos.

Ao meu orientador, professor Dr. Marcos Luiz Wiedemer, que me apoiou, ajudou e encorajou, mesmo quando eu mesma não acreditava em mim.

A todos os professores que passaram pela minha vida, guardo-os com todo carinho na minha memória.

RESUMO

SOUZA, Ana Carolina Cardoso. *O papel dos dêiticos em construções de contraste na esfera humorística: uma análise sob a ótica da Gramática de Construções Baseada no Uso*. 2024. 93f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2024.

Esta dissertação tem como objetivo investigar os contextos de usos dêiticos na construção de contraste argumentativo, cuja esquema é representado por [X é contrastado [DÊITICO + ADV contrastivo] por Y], que pode ser preenchida por diferentes dêiticos, por exemplo, *aqui não, hoje não, eu não* entre outros. A hipótese geral é de que este tipo de construção é utilizado, em português brasileiro, na função discursiva de contraste argumentativa, em que promove a comparação entre duas porções textuais/objetos de discurso, ou seja, apresenta uma estruturação lógica de comparação de contraste, onde a porção textual (a) é comparada/contrastada com a porção textual (b). A pesquisa tem como base o aparato teórico-metodológico da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) (Croft, 2001, Diessel, 2015, 2019, Perek, 2015), que abriga a concepção de que as línguas são moldadas pela complexa interação de princípios cognitivos e funcionais. Para análise dos dados, consideramos 25 dados extraídos de vídeos humorísticos no repositório das redes sociais. Os resultados gerais indicam que: (i) há a construção de um referente comum entre os participantes do ato comunicativo. Assim, esse referente é comparado/contrastado a partir do acionamento do dêitico associado ao elemento de negação e com isso promove o desenvolvimento de comparação lógica de ideias, na busca de enfatizar/persuadir que o referente em (b) é oposto ao referente anterior; (ii) a construção de contraste argumentativo aciona diferentes lexemas, ou seja, a depender do dêitico acionado e da cena enunciativa (tempo, espaço, circunstância, entre outros) aponta para diferentes graus de esquematicidade e produtividade.

Palavras-chave: língua portuguesa; humor; contraste; dêixis; negação.

ABSTRACT

SOUZA, Ana Carolina Cardoso. *The role of deictics in contrast constructions in the humorous sphere: an analysis from the perspective of the Usage-based Construction Grammar*. 2024. 93f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2024.

This dissertation aims to investigate the contexts of deictic uses in the construction of argumentative contrast, whose scheme is represented by [X is contrasted [DEICTIC + contrastive adv] by Y], which can be filled in by different deictics, for example, *not here, not today, not me* among others. The general hypothesis is that this type of construction is used, in Brazilian Portuguese, in the discursive function of argumentative contrast, in which it promotes the comparison between two textual portions/objects of discourse, that is, it presents a logical structuring of contrast comparison, where the textual portion (a) is compared/contrasted with the textual portion (b). The research is based on the theoretical-methodological apparatus of Use-Based Construction Grammar (GCBU) (Croft, 2001, Diessel, 2015, 2019, Perek, 2015), which houses the conception that languages are shaped by the complex interaction of cognitive and functional principles. For data analysis, we considered 25 data extracted from humorous videos in the Youtube repository. The general results indicate that: (i) there is the construction of a common referent among the participants of the communicative act. Thus, this referent is compared/contrasted from the activation of the deictic associated with the element of negation and thus promotes the development of logical comparison of ideas, seeking to emphasize/persuade that the referent in (b) is opposite to the previous referent; (ii) the construction of argumentative contrast triggers different lexemes, that is, depending on the activated deictic and the enunciative scene (time, space, circumstance, among others) points to different degrees of schematicity and productivity.

Keywords: portuguese language; humor; contrast; deixis; negation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 –	Dêitico espacial + não	13
Quadro 2 –	Construção de contraste argumentativo	14
Figura 1 –	Representação da construção	19
Quadro 3 –	<i>Construction</i> e o contínuo léxico-sintaxe	22
Figura 2 –	Rede lexical	23
Figura 3 –	Hierarquia construcional	24
Figura 4 –	Níveis de esquematicidade construcional	25
Quadro 4 –	Representação taxonômica da construção de contraste argumentativa ..	25
Figura 5 –	Modelo Cognitivo Idealizado da Dêixis	31
Gráfico 1 –	Tipos dêiticos na construção de contraste argumentativo	58
Figura 6 –	Relação entre os referentes dêiticos “mulher” e “homem”	75
Quadro 5 –	Quadro contrastivo	75
Quadro 6 –	Quadro contrastivo	79
Figura 7 –	Rede hierárquica da construção de contraste argumentativo	83

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	A ABORDAGEM CONSTRUCIONISTA DA GRAMÁTICA	17
1.1	A gramática de construções baseada no uso e os princípios fundamentais .	17
1.1.1	<u>A noção de construção</u>	18
1.2	As propriedades das construções: esquematicidade, produtividade e composicionalidade	20
1.3	A noção de rede construcional e hierarquias	21
2	O FENÔMENO DA DÊIXIS	27
2.1	A dêixis	27
2.2	O modelo cognitivo idealizado da dêixis	30
2.3	Os tipos dêiticos	33
2.3.1	<u>Os dêiticos pessoais</u>	34
2.3.2	<u>Os dêiticos temporais</u>	36
2.3.3	<u>Os dêiticos espaciais</u>	37
2.3.4	<u>Os dêiticos discursivos</u>	37
2.3.5	<u>Os dêiticos modais e fictivos</u>	39
2.3.6	<u>Os dêiticos memoriais</u>	40
3	CONTRASTE E NEGAÇÃO	43
3.1	A relação de contraste	43
3.1.1	<u>As relações de contraste</u>	45
3.2	O estudo da negação	46
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	53
4.1	Sobre o <i>corpus</i> de análise	53

4.2	Sobre a construção de contraste	57
5	CONSTRUÇÃO DE CONTRASTE ARGUMENTATIVO: ANÁLISE DE DADOS	58
5.1	Construção de contraste argumentativo: contextos de usos	58
5.2	Contraste e o campo dêitico temporal	60
5.3	Contraste e o campo dêitico espacial	66
5.4	Contraste e o campo dêitico pessoal	74
5.5	Rede hierárquica da construção de contraste argumentativo	81
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
	REFERÊNCIAS	88

INTRODUÇÃO

Ao construirmos discursos argumentativos, utilizamos uma série de mecanismos linguísticos engendrados em processos cognitivos. Esses discursos, socialmente heterogêneos, se caracterizam por pontos de vistas centrados nas relações entre os participantes da interação, o que suscita a resposta, uma tomada de posição, ou seja, a argumentação é uma atividade discursiva que se caracteriza pela defesa de pontos de vista. Assim, o usuário da língua ativa/escolhe determinadas funções comunicativas, ou seja, modos de funcionamento, que se manifestam concretamente em enunciados, que se refletem nos recursos linguísticos gramaticais acionados.

Uma importante operação discursiva no desenvolvimento argumentativo da língua é a construção de referentes. Sobre o processo de referenciar, Neves (2021, p. 67) comenta que:

É na interação linguística – obviamente – que os falantes compõem seus enunciados instituindo os referentes que, oriundos de uma construção mental, e não de um mundo real, representarão, na organização sintática, os termos das predicacões, o que significa que a primeira noção de referência é a de uma ‘construção’ de referentes. Por outro lado, na outra ponta da interação linguística, revela-se uma segunda noção de referência, que é a de ‘identificação’ de referentes.

Neste jogo de modos de referenciar, Neves (2021) alude que esses modos podem ser: o construtivo e o identificador (cf. Neves, 2021, p. 67-68); “no modo construtivo, o falante usa um termo para que o ouvinte construa um referente para esse termo e introduza esse referente em seu modelo mental” e “no modo identificador, o falante usa um termo para que o ouvinte identifique um referente que já de algum modo esteja disponível, mediante uma fonte para a identificação”. Assim, o indivíduo faz uso de estratégias discursivas para retomada e/ou indicação deste referente, entre elas, a dêixis.

Essa ação linguística, o uso da dêixis para o apontamento do referente a ser comparado ou contrastado entre porções textuais, pode ser entendida como “a capacidade de um discurso de conquistar a adesão do auditório àquilo que se pretende defender; logo, os argumentos (ou as estratégias argumentativas) materializam essa ação” (cf. Silva; Marchon, 2021, p. 1). Tal estratégia mostra-se bastante recorrente na comédia, sobretudo em *stand-ups*, quando um enunciador aciona dêiticos para criar um referente comum com a plateia, para que todos cheguem a um “lugar comum” (ainda que imagetivamente), para que a piada seja compreendida e seus argumentos sejam válidos para convencer o público. Ciulla (2020) defende que:

a referência depende de uma construção de sentidos que é particular para cada situação, para cada par ou grupo de falantes. É na enunciação, sob certas condições, que incluem o eu-aqui-agora, relacionada à dêixis, além de questões culturais e sócio-históricas, através da intersubjetividade e interação entre os falantes, que os sentidos vão sendo negociados e atribuídos – e somente assim, sob essas condições, a referência é realizada. (Ciulla, 2020, p. 202).

Vejamos o exemplo (01), a seguir:

(01)¹ *Antigamente* viajar era mais fácil (essa porra) os terroristas fuderam com as viagens tudo, quer matar as pessoas? Mata, mas não atrapalha a minha viagem, sabe? *Antigamente* viajar era fácil, a máquina de detector de metal não apitava pra porra nenhuma; na verdade apitava, mas ele “perguntava tem arma?” “Não” então a leva a tua então, era uma alegria viajar; e **agora não**, tem essa preocupação e tal.

Fonte: <https://youtu.be/C6iW2rMUXTU> (21min07seg - 21min29seg).

Em (01), conforme se observa, temos a correlação entre o contraste acionado pela construção “*agora não*”, bem como a correlação com lexema “*antigamente*” ao apontar uma ação localizada em determinado tempo, sendo a primeira porção textual² em um tempo pretérito, conforme os lexemas acionados (*era*, *fuderam*, *apitava*, *perguntava*), que é ancorado através do dêitico *antigamente* e estabelece a comparação por contraste com a segunda porção textual, onde se tem a mudança de indicação do tempo da ação, agora, localizado no presente (*tem*). Com isso, temos a comparação do ato de viajar e o funcionamento do aeroporto em dois momentos distintos *antigamente* e *agora*. Neves (2011, p. 256) explica que “lugar e tempo são categorias dêiticas, isto é, categorias que fazem orientação por referência ao *aqui-agora*, que constituem o complexo modo-temporal que fixa o ponto de referência do evento de fala”.

Além disso, no exemplo em (01), temos a descrição das características do ato de viajar, na primeira porção textual, que reforça o uso dêitico para que os ouvintes reconheçam o mesmo referente pretendido pelo locutor, para que todos cheguem num lugar comum, tal como descreve Marmaridou (2000), que define que uma expressão dêitica é aquela que constrói um espaço mental comum entre o falante e o destinatário. Além disso, é por meio dessa descrição que conseguimos distinguir o juízo de valor do locutor, que, em outras palavras, diz que viajar antigamente era melhor do que viajar agora. Em resumo, temos o funcionamento da argumentação a partir de duas acepções, sendo a primeira: (i) criar um

¹ Este exemplo e os outros apresentados na introdução serão retomados e analisados na seção 5.

² Consideramos “porção textual” os trechos que ocorrem antes e depois do conector [dêitico + advérbio de negação].

referente comum para os ouvintes; e a segunda: (ii) apontar as características dos elementos comparados/contrastados.

A referência dêitica estabelecida não é anafórica, mas sim a um elemento contextual sempre contrário ao dêitico que inicia o discurso; essa contrariedade é reforçada pelo advérbio de negação, que promove a negação do referente construído na primeira porção textual e incide na inversão/contraste do referente na segunda porção textual. Dessa forma, temos a construção de um referente comum entre os participantes do ato comunicativo, no exemplo, em (01), viajar e o funcionamento do aeroporto. Esse referente é comparado/contrastado a partir do acionamento do dêitico associado ao elemento de negação e com isso favorece o desenvolvimento de comparação lógica de ideias, na busca de enfatizar/persuadir que o referente em (b) é oposto ao referente anterior.

A negação de contraste refere-se a expressões que combinam um elemento negado com um afirmativo paralelo (Gates Jr.; SerighT 1967, Mccawley, 1991). Sua função é substituir um ou mais elementos do universo do discurso por outros. Sobre o assunto, vale apontar que desde o artigo seminal de Anscombe e Ducrot (1977), sabe-se que existe uma distinção tipológica entre idiomas que possuem um marcador para negação de contraste e idiomas que não.

Encontramos outro excerto, (02), que mostra esta relação de comparação por contraste entre dois ambientes distintos marcados por dêiticos espaciais:

(02) – *Mas e teus vizinhos lá? Pessoal ali da área deve tá com saudade do senhor, vamos lá!*
 – *Que saudade de mim o que? Tão não, 27 anos que eu moro lá nunca nem me convidaram pro aniversário de ninguém, só sabem reclamar dos meus cachorro. Aqui não! Aqui graças a Deus é pet friendly.*

Fonte: <https://www.facebook.com/PortaDosFundos/videos/2366285856958073/> (02min18seg - 02min29seg).

Tipicamente, conforme se observa em (02), este tipo de construção é utilizado, na esfera humorística, no português brasileiro (doravante PB), na função discursiva de contraposição/contraste argumentativa, em que “*aqui não*”, promove a comparação entre duas porções textuais, ou seja, apresenta uma estruturação lógica de comparação³, em que a porção

³ Entre os macrodomínios gramaticais explorados por Givón (1995, 2002, 2011, entre outros), além de TAM, estão negação, coerência referencial, quantificação, voz, posse, **comparação**, **contraste**, atos de fala, nominalização, subordinação e concordância.

textual (a) é comparada com a porção textual (b), que é realizada pela construção comparativa de contraste. Vejamos o quadro (01), a seguir.

Quadro 1- [dêitico espacial + não]

Porção textual (a)	Dêitico + Advérbio	Porção textual (b)
<p><i>Mas e teus vizinhos lá? Pessoal ali da área deve tá com saudade do senhor, vamos lá!</i></p> <p>– <i>Que saudade de mim o que? Tão não, 27 anos que eu moro lá nunca nem me convidaram pro aniversário de ninguém, só sabem reclamar dos meus cachorro.</i></p>	<p><i>Aqui não!</i></p>	<p><i>Aqui graças a Deus é pet friendly.</i></p>

Fonte: a autora

Neste excerto, o personagem fala sobre sua antiga casa *lá* para depois negar e apontar como é o lugar onde mora agora *aqui*, comparando os dois ambientes por meio do acionamento de elemento dêitico (*aqui*) que realiza um apontamento espacial e um elemento de contraste (*não*), que não apenas realiza uma asserção negativa, mas que corresponde a um operador de formação de inversão polar, na qual ocorre o significado de comparação, já que ele apresenta características negativas do primeiro lugar e características positivas do segundo lugar. A argumentação ocorre pela intenção do falante que não quer voltar para a antiga residência e para argumentar em seu favor cria uma comparação entre as duas moradias, e pelo uso de diversos elementos dentro da comparação. Ele poderia dizer que uma casa era melhor do que a outra, mas talvez isso não cumprisse o comunicativo desejado.

Observemos, agora, outro excerto, conforme (03), a seguir.

- (03) *A primeira vez* que eu *vim foi* na terça-feira que o Jacquín *tava* aqui, o macarrão *tava* meio duro e também muito barulho, muita loucura, e *hoje não*, você *tá* de parabéns! A comida *tá* muito boa.


Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=nXMFOyuSN6k> (17min32seg. - 17min40seg.)

Em (03), é possível observar que a construção em destaque, *hoje não*, foi o eixo responsável por conectar as duas porções textuais e estabelecer uma conexão comparativa entre elas, sobre como o restaurante estava num primeiro momento e como ele está no “hoje” na opinião do falante. A comparação se dá através do apontamento dêitico que coloca dois elementos em situação de cotejo “a primeira vez” e “hoje”, e do advérbio que estabelece polos positivo e negativo que geram uma ideia de superioridade, assim entende-se que o *hoje* foi melhor que *a primeira vez* (conforme destacado em cinza). Além disso, o elemento dêitico

temporal, *hoje*, alude ao tempo presente da ação em comparação ao tempo pretérito utilizado na parte comparada na primeira porção textual (conforme destacado em azul).

Além dos exemplos (01), (02) e (03), , na esfera humorística, no PB, é possível encontrar outros lexemas capazes de preencher os *slots* dêitico e elemento de negação, tais como: *aqui não*, *aqui nunca*, *eu não*, entre outros. A seguir, procuramos representar o esquema construcional do nosso objeto em investigação, conforme a representação, a seguir.

Quadro 2– Construção de contraste argumentativo

x	é contrastado a	Y	FUNÇÃO
Referente a ser contrastado	Dêitico + elemento de negação	Referente de oposição ao referente anterior	 RELAÇÃO SIMBÓLICA
Porção textual (referente)	<i>Advérbio(dêitico)</i> <i>+Advérbio(negação/contraste)</i>	Porção textual (referente)	

Fonte: a autora

O quadro (02), acima, representa a construção de contraste argumentativo, delineando a relação entre os elementos "x" e "Y", que são referentes (objetos discursivos), que estão na relação de objeto discursivo a ser contrastado, na primeira parte e, em uma oposição contrastiva, na segunda parte. Esses referentes podem ser representados lexicalmente por diferentes dimensões, desde lexemas como sintagmas nominais ou até mesmo orações completas.

Conforme já anunciamos, a construção de contraste argumentativo aciona diferentes lexemas, ou seja, a depender do dêitico acionado e da cena enunciativa (tempo, espaço, circunstância, entre outros) aponta para diferentes graus de esquematicidade e produtividade. Assim diversos tipos de dêiticos podem ocupar esta posição do esquema, [dêitico + advérbio de contraste] incluindo sintagmas nominais (SN). Vejamos um exemplo.

- (04) *A loja do rico, o provador é extremamente confortável, o chão é macio, (sei porque já dormi várias vezes), a luz te emagrece, o espelho te emagrece, se nada disso emagrecer te dão uma Herba Life na saída; só tem uma coisa de bom na loja do rico que tudo que você pedir pra provar a menina vai trazer; **na loja do pobre não**, eles contrataram um ser humano pra contar quantas peças que cê tá levando e não basta essa humilhação, ela ainda te dá uma placa desse tamanho dizendo cinco.*⁴

Fonte: <https://www.facebook.com/abrunalouise/videos/173382197006565/> (01min45seg – 02min22seg)

⁴ O exemplo (04) apresenta uma porção textual após o elemento dêitico, mas, por questão de espaço, não vamos tratar disto aqui.

Em (04), percebemos que antes de definir a loja do pobre, a enunciadora cria uma vasta descrição da loja do rico para fortalecer o seu argumento de oposição à loja do pobre; assim, contrapõe as duas lojas em situação de cotejo e estabelece uma relação de comparação de proposições entre elas. Diante disso, temos as seguintes hipóteses de investigação: (a) no PB, na esfera humorística, encontramos a construção de contraste argumentativa, cuja forma é representada por [X é contrastado [DÊITICO + ADV contrastivo] por Y], que pode ser preenchida por diferentes dêiticos, por exemplo, *aqui não, hoje não, eu não*; (b) a natureza dos dêiticos se distribuem em subesquemas que são utilizados para o propósito comunicativo da argumentação do discurso; e (c) o significado construcional destas expressões decorre da relação entre os lexemas e as características em que as expressões linguísticas (construções) são utilizadas, ou seja, uma relação entre os aspectos formais e os discursivos-pragmáticos. Já a hipótese geral é de que o uso desta construção promove uma argumentação no discurso do falante e que a marcação desta pode ser favorecida pelo tipo de dêitico em uso.

Assim, temos os seguintes objetivos: (a) analisar os lexemas dêiticos que compõem a presente construção, bem como categorizar os diferentes contextos de usos; (b) descrever os padrões construcionais; e (c) identificar como cada tipo de dêitico favorece ou marca a argumentação nos discursos.

A pesquisa tem como base o aparato teórico-metodológico da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) (Croft, 2001, Diessel, 2015, 2019, Perek, 2015), que abriga a concepção de que as línguas são moldadas pela complexa interação de princípios cognitivos e funcionais. Nessa abordagem, localizamos a Abordagem Construcional da Gramática como um subcampo da Linguística Cognitiva, em que se considera três pressupostos básicos (Langacker, 2008, Janda, 2015), sendo: (i) os fenômenos linguísticos emergem de estratégias cognitivas gerais; (ii) a generalização sobre a linguagem emerge de observações de usos linguísticos, conseqüentemente é “baseada no uso” (Diessel, 2015, Janda, 2019); e (iii) o significado é entendido como alicerçado na experiência humana e elaborado por metáforas, metonímias e mesclas, que fornecem os elos em redes polissêmicas (Endresen; Janda, 2020).

Dessa forma, a gramática se caracteriza por gradiência e prototipicidade, como reflexo das próprias características observadas nas categorias cognitivas observadas no uso, em que pode haver membros centrais e periféricos, ou seja, as categorias podem se pressupor, pois o sistema é interconectado, ou seja, o conhecimento gramatical é composto de uma rede de construções (Traugott; Trousdale, 2013), em um pareamento simbólico entre forma e sentido,

ou seja, construções (Goldberg, 2005). Para Traugott e Trousdale (2013), a gradiência permite a convencionalização de padrões e normas de usos linguísticos, ou por sua vez, o surgimento de inovações ao longo do tempo.

Feitas essas considerações iniciais, a dissertação está dividida em cinco capítulos. O primeiro consiste na revisão do aparato teórico, a Gramática de Construções Baseada no Uso. O segundo capítulo apresenta uma revisão sobre os dêiticos e seus tipos, de acordo com Cavalcante (2000), Ciulla e Martins (2017) e Fonseca (1989), tratamos também do Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) da dêixis proposto por Marmaridou (2000). O terceiro capítulo expõe uma revisão acerca da negação e do contraste, revisamos as diferentes formas de negação no português brasileiro e as relações de contraste e polaridade entre termos. É no capítulo IV que apresentamos a metodologia, expomos o método de formação do *corpus* bem como a sua justificativa. Além disso, explicamos quais mecanismos foram utilizados na análise dos dados.

No capítulo V realizamos a análise dos dados, atribuindo os critérios apresentados na metodologia. Separamos os dados de acordo com o tipo dêítico (*tempo, espaço/memória e pessoa*) e buscamos reconhecer o papel de cada dêitico na construção estudada e confirmar as hipóteses desenvolvidas na primeira parte.

1 A ABORDAGEM CONSTRUCIONISTA DA GRAMÁTICA

Este capítulo é dedicado a apresentar uma revisão dos principais pressupostos teóricos da abordagem que fundamenta a pesquisa, a Gramática de Construções Baseada no Uso, doravante GCBU, desenvolvida a partir da Linguística Cognitiva. Este modelo teórico defende que a estrutura da língua é formada por construções, que são definidas como um pareamento de forma e significado. Estas construções são instanciadas no uso, e a gramática emerge do uso que falantes reais fazem da língua. Assim, neste capítulo, apresentamos os princípios fundamentais da GCBU.

1.1 A gramática de construções baseada no uso e os princípios fundamentais

A GCBU é um modelo teórico que busca justificar o conhecimento linguístico dos falantes a partir de usos reais das construções de uma língua. Uma vez que os falantes apresentam um conhecimento linguístico sobre as regras gramaticais adquirido naturalmente desde a infância, a teoria procura responder e sistematizar que conhecimento é esse, de que ele é composto e como se organiza/estrutura. Para isso, a GCBU dispõe de três princípios básicos que são listados pelos autores Pinheiro; Soares & Freitas Jr. (2023, p. 2).

Princípio 1: a totalidade do conhecimento linguístico do falante pode ser descrita em termos de construções gramaticais (isto é, pareamentos de forma e significado/função).

Princípio 2: as construções são conectadas umas às outras, formando um inventário estruturado.

Princípio 3: as construções podem ser combinadas entre si, a fim de licenciar palavras e sentenças concretas.

A GCBU defende que a língua é formada por uma rede de nós conectados, e cada nó seria uma construção, “isso quer dizer que o conhecimento linguístico dos falantes consiste em uma rede de construções” (Cunha Lacerda; Furtado da Cunha, 2017, p. 3). Esta rede de construções forma o que se denominou de *constructicon*, este nome refere-se à aglutinação dos nomes, em inglês, de construção e léxico (*construction* e *lexicon*, respectivamente). A teoria não desassocia os conceitos de gramática e léxico, já que uma construção compreende diversos níveis linguísticos, daí a noção de *construction*, que inclui “de palavras a padrões

entoacionais, passando por esquemas morfológicos, estruturas sintáticas semipreenchidas e padrões sintáticos inteiramente abertos.” (Pinheiro, sd, p. 6)

Assim, discute-se o conceito de construção (Fillmore, 1988; Goldberg, 1995), e suas características e propriedades (Traugott; Trousdale, 2013) e (Cunha Lacerda; Furtado da Cunha, 2017), língua, gramática e dinamicidade do sistema linguístico (Cunha Lacerda; Furtado da Cunha, 2017), e as aplicações da Gramática de Construções.

1.1.1 A noção de construção

O conceito de construção é definido como o pareamento de forma e significado. (Fillmore, 1988; Goldberg, 1995; Croft, 2001; Traugott e Trousdale, 2013). A construção é uma abstração que se instancia nos usos dos falantes da língua, ou seja, os construtos. (Cunha Lacerda; Furtado da Cunha, 2017, p. 5). Sobre a definição de construção, Goldberg (1995, p. 4) propõe o seguinte:

C é uma CONSTRUÇÃO se C for um pareamento de forma-significado de modo que algum aspecto de Fi ou algum aspecto de Si não seja estritamente previsível a partir das partes componentes de C ou de outras construções previamente estabelecidas.⁵

Essa formulação evoca uma imagem segundo a qual uma construção é uma entidade de duas faces, mais ou menos como uma moeda ou folha de papel, que corresponde às informações entre a forma e o significado. (Pinheiro, 2016). Em 2006, Goldberg amplia o conceito de construção em sua obra “*Constructions at work*”:

Todos os níveis da análise gramatical envolvem construções: pareamentos de forma com função semântica ou pragmática que são aprendidos, incluindo morfemas ou palavras, expressões idiomáticas, padrões oracionais parcialmente ou totalmente preenchidos. (Goldberg, 2006, p. 5).⁶

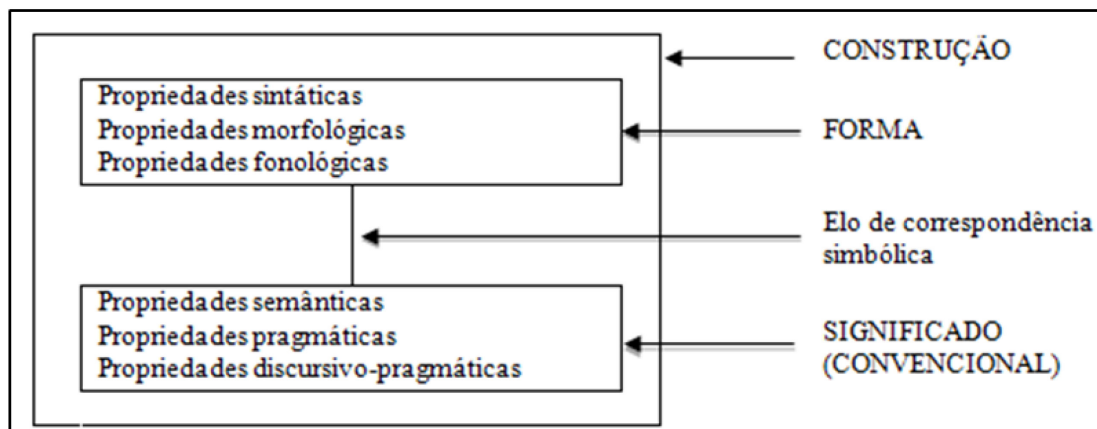
⁵ Cf. original: “C is a construction iff def C is a form-meaning pair <Fi, Si> such that some aspect of Fi or some aspect of Si is not strictly predictable from C’s component parts or from other previously established constructions”.

⁶ Cf. original: “All levels of grammatical analysis involve constructions: learned pairings of form with semantic or discourse function, including morphemes or words, idioms, partially lexically filled and fully general phrasal patterns” (GOLDBERG, 2006, p. 5).

Assim, de acordo com a autora, a *construção* se aplica a qualquer estrutura gramatical, incluindo tanto sua forma quanto seu significado. Nesse sentido, “qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção, desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja estritamente previsível de suas partes componentes ou de outras construções reconhecidas como existentes” (Goldberg, 2003, p. 219)⁷. Em outras palavras, tudo na língua é considerado construção, desde morfemas a construções mais complexas.

De acordo com (Langacker, 1987; Croft, 2005), as construções são unidades simbólicas convencionais; unidade porque cada construção é única (princípio da não sinonímia), simbólicas porque são abstrações e estabelecem uma relação parcialmente arbitrária entre forma e significado, e convencionais pelo compartilhamento entre os falantes. A figura (01) a seguir, apresentada por Croft (2007, p. 5), representa como se estrutura uma construção.

Figura 1 – Representação da Construção



Fonte: Croft (2007, p. 5).

A figura 1 ilustra como a construção é articulada e como o conhecimento linguístico é desenvolvido. De um lado, os itens da forma: elementos fonológicos e morfossintáticos; e do outro, os itens do significado: os elementos conceituais e discursivos. Estes dois polos não existem isoladamente, mas são conectados por um elo simbólico, já que as motivações entre um e outro são parcialmente arbitrárias; de acordo com Lacerda e Furtado da Cunha (2017), as construções são simbólicas porque “são signos, associações relativamente arbitrárias de forma e significado” (Cunha Lacerda; Furtado da Cunha, 2017, p. 5).

⁷ Cf. original: “Any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspect of its form or function is not strictly predictable from its component parts or from other constructions recognized to exist” (GOLDBERG, 2003, p. 219).

Consoante a isso, de acordo com a teoria, gramática e léxico não são opostos, mas vivem num *continuum*, num gradiente, o qual se denominou *construction*, de modo que os itens podem ser mais gramaticais e outros podem ser mais lexicais, mas nunca somente um ou somente outro, conforme afirmam Lacerda e Furtado da Cunha (2017)

Para a Gramática de Construções, assim como para a Linguística Funcional, não há distinção rígida entre léxico e gramática, entendidos como um contínuo que vai das palavras a sequências maiores. A diferença entre construções lexicais e construções gramaticais reside no grau de complexidade interna de cada uma delas (GOLDBERG, 1995), de modo que a fronteira entre elas é difusa. Nessa linha, as construções diferem entre si de acordo com a função a que servem e ao tipo de entidade linguística que representam. (Cunha Lacerda; Furtado da Cunha, 2017, p. 5)

1.2 As propriedades das construções: esquematicidade, produtividade e composicionalidade

As construções são analisadas a partir de três propriedades : a) esquematicidade, b) produtividade e c) composicionalidade, que também apresentam um gradiente de mais ou menos esquemático/produtivo/composicional.

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), a esquematicidade refere-se ao grau de abstração, generalidade e especificação de uma construção; sobre isso consideram-se os graus de esquematicidade, segundo Wiedemer e Oliveira (2019, p. 66): i. totalmente preenchido e fixado, ii. totalmente preenchido e parcialmente fixado, iii. parcialmente preenchido e iv. totalmente esquemático. Então uma construção é mais esquemática quando é menos específica, quando é menos preenchida, ou seja, quando é mais abstrata e tem mais possibilidades de preenchimento dos espaços.

O segundo princípio está intimamente ligado à ideia de esquematicidade. A produtividade de uma construção baseia-se nas diversas possibilidades que um esquema pode instanciar, o que alude também para extensibilidade. Codeiro, Bispo e Lucena (2021, p. 115) afirmam que a produtividade “tem a ver com a extensibilidade de uma construção, com sua capacidade de licenciar uma variedade de *types* construcionais.”, estes autores apresentam o pensamento da Bybee (2015) que atrela a produtividade à frequência *type*, que consiste basicamente, nos subesquemas das construções. No caso da construção analisada, a frequência *type* está na segunda posição da tabela. De acordo com os autores a frequência *type*

“se refere ao gradativo aumento de categorias que se agregam à rede de uma dada construção matriz, configurando novas relações semânticas e sintáticas não previstas na relação prototípica forma-função dessa construção” (Cordeiro, Bispo & Lucena, 2021, p. 115).

A composicionalidade é um princípio caro à Gramática de Construções, já que os estudos da teoria surgiram a partir de questionamentos acerca das expressões idiomáticas, que são expressões fechadas e o seu significado não vem da soma das palavras que as compõem. A composicionalidade, segundo Traugott e Trousdale (2013), corresponde ao grau de transparência do elo que une o lado da forma e o lado da função, por isso a relação do princípio ao estudo das expressões idiomáticas; o grau de composicionalidade de uma construção depende do significado “individual” das palavras que as compõem, de modo que ele dê pistas sobre o significado total da expressão

Estas propriedades possibilitam a análise da unidade linguística como uma construção estabelece relações hierárquicas entre suas diferentes instâncias. Esse processo é conduzido por meio de uma hierarquia construcional composta por diversos elementos, incluindo esquemas, subesquemas, microconstruções e constructos (Traugott e Trousdale, 2013). Essa estrutura hierárquica oferece uma abordagem sistemática para compreender como unidades linguísticas individuais se organizam e se relacionam dentro de uma construção mais ampla.

1.3 A noção de rede construcional e hierarquias

O princípio central das abordagens construcionistas é que existe “uma representação uniforme de todo conhecimento gramatical na mente do falante, na forma de construções” (Croft e Cruse 2004, p. 255, *apud* Hoffmann e Trousdale, 2011)⁸. Além disso, os estudiosos da gramática de construções subscrevem a ideia de que “qualquer construção com propriedades morfológicas, sintáticas, lexicais, semânticas, pragmáticas ou discursivas idiossincráticas únicas deve ser representada como um nó independente na rede construcional, a fim de capturar o conhecimento de um falante sobre sua língua” (Croft e Cruse 2004, 265)⁹. O conhecimento linguístico, então, corresponde a

⁸ Cf. original: “A uniform representation of all grammatical knowledge in the speaker’s mind, in the form of constructions” (Croft e Cruse, 2004, p. 255).

⁹ Cf. original: “Any construction with unique idiosyncratic morphological, syntactic, lexical, semantic, pragmatic or discourse-functional properties must be represented as an independent node in the constructional network in order to capture a speaker’s knowledge of their language”.

uma espécie de léxico ampliado e enriquecido, contendo milhares de unidades simbólicas (isto é, construções gramaticais) de todos os tipos: de palavras a padrões entoacionais, passando por esquemas morfológicos, estruturas sintáticas semipreenchidas e padrões sintáticos inteiramente abertos. (Pinheiro, s/d, p. 6).

Os autores Pinheiro, Silva & Junior (2023, p. 2) apresentam um quadro ilustrativo que aborda o conceito do continuum léxico-sintaxe. Este continuum é uma representação visual que visa destacar a interconexão entre o léxico e a sintaxe na linguagem. No contexto do continuum léxico-sintaxe, as palavras e expressões são posicionadas ao longo de um espectro que abrange desde unidades lexicais individuais até estruturas sintáticas mais complexas.

Quadro 3 - *Construction* e o contínuo léxico-sintaxe

Tipo de construção	Exemplo
Palavra	<i>árvore</i>
Expressão fixa	<i>bom dia; cada macaco no seu galho</i>
Esquema morfológico	re + base verbal (ex: <i>rearrumar, refazer</i>)
Esquema sintático semipreenchido	que mané X; que X o quê; vê se X (ex: <i>que mané férias; que férias o quê; vê se me esquece</i>)
Esquema sintático aberto	SVO (ex: <i>Pedro cabeceou a bola</i>)
Padrão entoacional	Ascendente

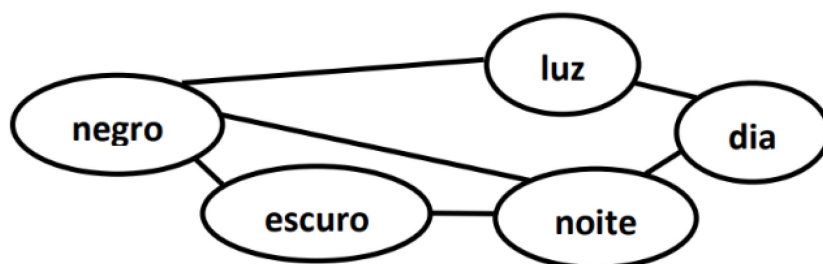
Fonte: Pinheiro; Silva & Junior (2023, p. 2)

Segundo Pinheiro (s/d, p. 6), se o conceito de construção for definido de maneira suficientemente ampla, ele tem potencial para descrever o conhecimento linguístico do falante, uma vez que a noção de construção assume as arbitrariedades do léxico e as regras gramaticais. A GCBU renuncia à divisão gramática x léxico, e prefere ampliar o conceito deste último, de modo que léxico abarque os conceitos gramaticais; a este fenômeno dá-se o nome de *construction*. O aforismo desenvolvido por Goldberg (2006) resume o conhecimento linguístico e o primeiro princípio da teoria: *Constructions all the way down* (é tudo construção de cima abaixo), e dispensa a dicotomia léxico e gramática.

O segundo princípio consiste na rede lexical, ou seja, o *construction* tem a forma de rede. Os estudos sobre a representação mental do conhecimento linguístico dos falantes demonstram que as palavras formam uma grande teia, e se conectam entre si de maneira complexa e através de mecanismos variados. As palavras do léxico não estão à disposição do falante de maneira desordenada, elas são inter-relacionadas, estruturadas e organizadas, ainda que tal organização seja complexa. As construções são acionadas de acordo com a necessidade do falante e o que é comumente acionado fica disponível de maneira mais rápida,

assim como termos semelhantes estarão próximos uns dos outros. Pinheiro (s/d, p. 7) apresenta uma ilustração da rede lexical, conforme a figura (02) abaixo:

Figura 2 – Rede lexical



Fonte: Pinheiro (2023, p. 7)

De acordo com a lógica da figura (02), as construções podem ter graus de enraizamento diferentes, uma vez que as construções acionadas com mais frequência estarão, de algum modo, mais disponíveis e ativas na mente do falante para o uso. Consoante a isso, consideramos também a existência de relações taxonômicas entre as construções, que consiste na associação entre construções mais abstratas e construções mais específicas, por exemplo, no quadro (04) temos a construção semipreenchida no tópico “esquema morfológico”: [re + base verbal], mesmo que consideremos a construção semipreenchida RE + BASE VERBAL, deve-se considerar também a construção mais concreta/preenchida REORGANIZAR, de acordo com Pinheiro (s/d, p. 7), “todos os modelos construcionistas vão representá-las como construções interconectadas, sob a forma de uma relação taxonômica”

O terceiro princípio diz respeito ao fato de as construções poderem ser combinadas entre si para licenciar palavras e sentenças concretas. Assim, o falante deve combinar diferentes construções (de diversos níveis) para formar sentenças e se comunicar. Para formular uma pergunta, por exemplo, o falante vai utilizar palavras, esquemas oracionais, esquemas morfológicos e a entonação, tudo isso de maneira compatível e organizada gramaticalmente, como afirma Pinheiro (s/d, p. 8):

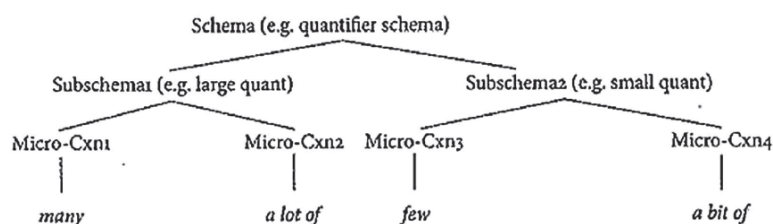
Em resumo, um terceiro consenso construcionista diz respeito à existência de um processo de integração entre construções, que é governado por uma exigência de compatibilidade gramatical entre as construções a serem combinadas. É esse processo que, sob uma ótica construcionista, assegura a boa-formação dos enunciados. (PINHEIRO, s/d, p. 8)

Essa hierarquia construcional começa num ponto mais abstrato e menos preenchido e vai até um mais concreto, o esquema da rede é o item mais amplo e abstrato e dele saem os subesquemas, cujo conteúdo é mais específico, a partir deles formam-se as microconstruções, que são itens mais exemplares e concretos. Por último, os constructos, que são os usos reais da construção.

O *esquema* possui natureza altamente abstrata, compreendendo as construções mais genéricas da rede e abarcando as estruturas complexas com possibilidades diversas de preenchimento, também denominadas de macroconstruções. Os *subesquemas* envolvem o conjunto de similaridades que é observável entre construções individuais diversas, que podem ser classificadas como mesoconstruções. Já as *microconstruções* são as construções individuais que já se encontram convencionalizadas e produtivas na língua. Logo, de uma inovação (construto) convencionalizada, gera-se a microconstrução. Os *construtos*, por sua vez, são ocorrências atestadas empiricamente, caracterizando-se como o *locus* da inovação. Nesse sentido, Oliveira e Rosário (2016) afirmam que os construtos são as instanciações concretas da língua, ou seja, aquilo que os usuários efetivamente produzem. Estão também relacionados à frequência *token*, que é o número de ocorrências de determinada construção.

Traugott e Trousdale (2013) ilustram a proposta da hierarquia construcional com base na construção quantificadora do inglês:

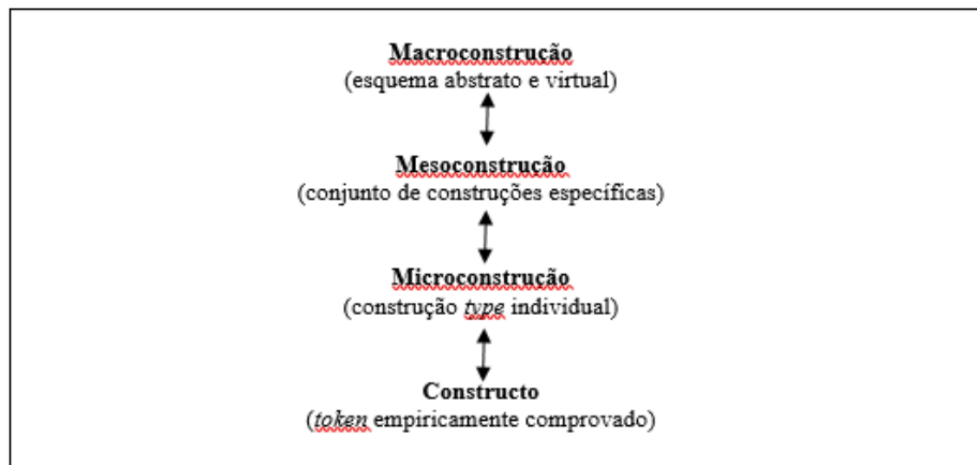
Figura 3 – Hierarquia construcional



Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p.17)

Na figura (04), a seguir, temos a representação dos níveis de esquematicidade proposto por Traugott (2012):

Figura 4 – Níveis de esquematicidade construcional



Fonte: adaptado de Traugott, 2012.

Traugott e Trousdale (2008) também consideram os esquemas maiores como macroconstruções. As mesoconstruções são classificadas como grupo de microconstruções. As microconstruções são as construções individuais e os constructos, considerados como exemplares. Vale ressaltar que os níveis de esquematicidade devem ser considerados em um *continuum*.

O quadro (04) a seguir representa esta hierarquia por meio da construção analisada [dêitico + advérbio de negação]:

Quadro 4 – Representação taxonômica da construção de contraste argumentativa

Esquema [dêitico + advérbio de negação]		
Subesquema 1	Subesquema 2	Subesquema 3
[dêitico espacial + adv. de negação]	[dêitico temporal + adv. de negação]	[dêitico pessoal + adv. de negação]
Microconstrução 1	Microconstrução 2	Microconstrução 3
[aqui não]	[agora não]	[você não]
Constructo 1	Constructo 2	Constructo 3
<p>– Mas e teus vizinhos lá? Pessoal ali da área deve tá com saudade do senhor, vamos lá!</p> <p>– Que saudade de mim o que? Tão não, 27 anos que eu moro lá nunca nem me convidaram pro aniversário de ninguém, só sabem reclamar dos meus cachorro. Aqui não! aqui graças a Deus é pet friendly.</p>	<p>Antes as pessoas se encontravam pra ficar umas escrotizando as outras. Então era assim, era flamenguista contra vascaíno, era rico contra pobre, era coxinha e petralha. Agora não, agora as pessoas podem fazer isso ali, todo mundo junto!</p>	<p>Agora tem aquele negócio... porque você fez a cirurgia e emagreceu, mas você tá saudável, tem gente que faz a cirurgia e parece que tá doente, você não, você tem a aparência saudável.</p>

Fonte: a autora.

Percebe-se, no quadro, o nível esquemático e abstrato da construção analisada [dêitico + adv. de negação], sobretudo pelas diversas possibilidades de preenchimento da posição do dêitico. A função dêitica contém diversos tipos, como temporal, espacial, pessoal etc., e a partir deles temos os subesquemas, dentro dessas subcategorias podem existir diferentes microconstruções e logo diferentes e variados construtos. No quadro, contemplou-se o [aqui não], [agora não] e [você não], mas diferentes dêiticos poderiam, por exemplo, ocupar o espaço do *aqui*, como lá, ali, [em + nome de lugar]; o mesmo pode ocorrer com os dêiticos temporais e pessoais contemplados no quadro.

2 O FENÔMENO DA DÊIXIS

Este capítulo tem por objetivo apresentar uma revisão da literatura sobre o conceito de dêiticos. Primeiramente, apresentamos o conceito de dêixis de acordo com Cavalcante (2000) e Bühler (1982); em seguida, exploramos a noção de dêixis a partir do Modelo Cognitivo Idealizado desenvolvido por Marmaridou (2000). Por fim, analisamos os tipos dêiticos apresentados por Cavalcante (2000), pessoais, sociais, temporais, espaciais e discursivos e também os dêiticos *modais*, *fictivos* e *de memória*, citados por Lima e Santos (2015), Ciulla (2008) e Ciulla e Martins (2017).

2.1 A dêixis

Os dêiticos são palavras ou expressões capazes de realizar apontamentos tendo como base a posição do sujeito enunciador na situação comunicativa; tal definição corresponde à etimologia da palavra dêixis. O termo *dêixis* vem do grego e significa o ato de mostrar, de apontar, “dêixis, do grego “(adj. *deiktikós* “apto a demonstrar”, calcado no verbo *déiknymi* “mostrar, dar a conhecer)” (Castilho, 2014, p. 123).

Vejam algumas definições apontadas na literatura linguística: (i) “os elementos dêiticos permitem identificar pessoas, coisas, momentos e lugares a partir da **situação de fala**, ou seja, a partir do **contexto**” (Cançado, 2005, p. 55; grifos nossos); e (ii) “Entende-se por dêixis o processo por meio do qual a interpretação semântica de certas expressões depende da **situação discursiva**. Assim, o entendimento do que significam itens como eu / você, aqui / lá, este / aquele, hoje / amanhã, entre outros, fica na dependência de quem os pronunciou” (Castilho, 2007, p. 108; grifos nossos).

Nessas duas definições de dêixis, aparecem como termos fundamentais contexto, situação discursiva e situação de fala, pelos quais deve-se entender o momento de interação ou o momento da enunciação. Por isso, tradicionalmente, atribuímos esta função aos pronomes, tempos verbais, advérbios, uma vez que estes itens carecem de uma referência e/ou fazem apontamentos circunstanciais. Estes apontamentos dêiticos podem ser textuais ou contextuais.

Mais precisamente, no momento da enunciação encontram-se definidas coordenadas de pessoa, de tempo e de espaço, fundamentais para a noção de dêixis. Sobre o assunto, Cervoni (1989, p. 23) afirma que “toda enunciação supõe um *locutor* e um *alocutário*; ela se dá em um *tempo*, em um determinado momento; os actantes (locutor e alocutário) encontram-se no *espaço*, em um determinado lugar, no momento em que ela ocorre”. Assim, temos que a enunciação se dá em um *tempo* e no *espaço*, ou seja, toda enunciação é dêitica, e os dêíticos são instanciados na língua por pronomes demonstrativos, pronomes pessoais, tempos de verbos e advérbios de lugar e de tempo, ou seja, a interpretação desses elementos está fortemente ancorada no contexto de enunciação.

De acordo com Cavalcante (2000), Bühler (1982) foi um dos primeiros autores a tratar sobre o assunto de maneira dicotômica, uma vez que ele definia o fenômeno como uma distinção entre palavras ostensivas¹⁰ e palavras designadoras¹¹, que eram “sinais” e “símbolos” respectivamente. Para ele, o significado das palavras ostensivas era dado no campo dêítico, ou seja, a partir das coordenadas da dêixis (eu – aqui – agora), enquanto as designadoras carregam uma carga semântica em si, designando seres, objetos, propriedades etc.

Enquanto no campo simbólico, para Bühler (1982), as palavras designadoras recebem seu significado completo, específico e preciso, sem recorrer a aspectos da situação enunciativa, no campo dêítico o significado depende das pistas situacionais, não requerendo uma representação convencional, senão apenas uma **indicação** que permita identificar o objeto. (Cavalcante, 2000, p. 23)

A autora também cita Lahud (1979), cuja proposta é a utilizada como base para a sua dissertação, a qual “observa que o significado de um dêítico não pode restringir-se a sua descrição propriamente dita. E propõe, para as palavras dêíticas, um significado constante e uma referência variável” (Cavalcante, 2000, p. 23). Dessa forma, Cavalcante (2000) admite que:

Seguindo a proposta de Lahud (1979:81-2, com apoio em Peirce), concebemos os dêíticos como símbolos-índices. Na qualidade de índices, são termos referenciais que individualizam um objeto discursivo, embora seu caráter indicial seja, ao contrário dos outros, de natureza dinâmica, pela remissão simultânea ao objeto e à situação discursiva. Na qualidade de símbolos, assumem um significado convencional, estabilizado, codificado na língua sob a forma de pronomes pessoais e pronomes circunstanciais ou demonstrativos, além de terem registro em dicionário, designando "a pessoa que fala", ou "o lugar/tempo que está próximo à pessoa que fala" etc. (Cavalcante, 2000, p. 23).

¹⁰ As palavras ostensivas são as que dependem do contexto, de pistas situacionais para depreendemos o significado.

¹¹ As palavras designadoras são as que apresentam uma referência no mundo, têm um significado específico.

Então o que define a dêixis é a relação das palavras carentes de referência com o contexto comunicativo. Ao tratar do fenômeno dêitico, independentemente do tipo, os autores o analisam em relação à subjetividade, uma vez que as escolhas lexicais que funcionam para o apontamento dependem do local e ponto de vista do falante; o uso dos pronomes demonstrativos torna clara esta relação, pois se utiliza *este* quando o objeto está próximo ao falante e *esse* quando está próximo do ouvinte, e quem determina esta escolha é o falante de acordo com a sua posição em relação ao ouvinte e ao objeto. Vale ressaltar que o momento e o local da comunicação são fundamentais para reconhecer os referentes dos dêiticos, por exemplo, a palavra *amanhã* dita numa situação só tem sentido se soubermos a data em que ela foi dita. Dessa forma, estes três pontos (eu – aqui – agora) formam as coordenadas que permitem encontrar os referentes apontados.

Assim, tradicionalmente define-se que dêiticos são palavras e expressões de diferentes categorias que realizam apontamentos circunstanciais a partir da posição do sujeito enunciador (eu). Estes apontamentos podem ser textuais ou contextuais. Entende-se que diversas palavras podem atuar no fenômeno dêitico e podem ser usadas para referenciar um elemento no discurso. Tradicionalmente atribui-se aos pronomes, tempos verbais e advérbios esta função, pois estes são capazes de ancorar um evento, fato ou pessoa num contexto, trazer informações circunstanciais; e/ou fazer referência (por exemplo, Levinson, 2007, Benveniste, 1988).

Segundo Benveniste (1988), a subjetividade da linguagem se instaura a partir do momento em que um locutor se apropria da linguagem e se enuncia como *eu*, instaurando, de imediato, coordenadas de pessoa, tempo e espaço, organizadas em função do momento da enunciação, que é sempre presente. Por recurso aos pronomes pessoais, o autor assim argumenta por uma noção de pronome pessoal que remove o pronome *ele* da mesma série dos pronomes *eu/tu*, em razão da situação de enunciação, da qual *ele* só participa como entidade referida:

Os pronomes não constituem uma classe unitária [...]. Uns pertencem à sintaxe da língua, outros são característicos daquilo a que chamaremos as “instâncias do discurso”, isto é, os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor. [...] É preciso ver que a definição comum dos pronomes pessoais como contendo os três termos *eu*, *tu*, *ele*, abole justamente a noção de “pessoa”. Esta é própria somente de *eu/tu*, e falta em *ele* (Benveniste, 1991, p. 278).

Uma problematização da noção de dêixis que exclui a terceira pessoa, como sugere Benveniste (1991), levanta questões importantes sobre a natureza da referência linguística.

Embora a dêixis seja frequentemente associada à primeira e segunda pessoas, que indicam referências próximas ao falante ou ao ouvinte, a inclusão da terceira pessoa também é crucial para uma compreensão abrangente da dêixis. A terceira pessoa pode, de fato, receber um tratamento dêitico, mesmo que não haja uma referência direta a ela em porções anteriores do discurso. Isso ocorre porque a terceira pessoa pode ser usada para se referir a elementos presentes na situação discursiva, sejam eles objetos, pessoas ou conceitos, sem depender de uma referência prévia explícita.

2.2 O modelo cognitivo idealizado da dêixis

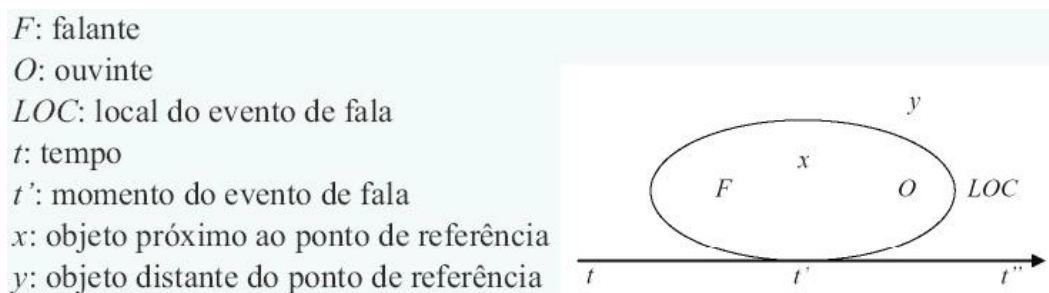
Além dessa perspectiva, acima revisada, encontramos na literatura linguística, os estudos desenvolvidos por Marmaridou (2000), a partir da abordagem cognitivista, que não se preocupa em definir o que é ou não é um dêitico; mas analisa quais casos são mais ou menos prototípicos, ou seja, mais centrais ou mais periféricos. A autora propõe que a conceptualização da dêixis envolve um Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) que se baseia no ato de APONTAR, desempenhando um papel fundamental na estrutura prototípica dessa categoria.

Ferreira & Ferrari (2006, p. 48), sobre a concepção de Marmaridou (2000), comentam que:

Essa concepção leva ao esquema imagético *centro x periferia*, o qual é baseado na experiência humana de ter um corpo com o centro (o tronco) e as periferias, sendo que a parte central é percebida como mais importante, já que as periferias dependem dela. Em função das noções do centro e periferias, a perspectiva perceptual humana ocasiona também um esquema de *proximidade X distância*.

Assim, Marmaridou (2000) propõe a existência de um Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) da dêixis (ver figura 5, a seguir) que consiste na relação *centro vs. periferia* de apontamento entre os objetos, ouvinte e ambiente e o sujeito (eu). Quando o item não se encaixa no MCI, ele não é considerado um dêitico.

Figura 5 – Modelo Cognitivo Idealizado da Dêixis



Fonte: Andrade; Ferrari (2017, p. 225).

O MCI dêítico proposto por Marmaridou (2000) envolve um ato linguístico de apontamento de uma determinada entidade no espaço executado por um falante (F) a um destinatário/ouvinte (O). Essa expressão dêítica constrói um espaço mental entre F e O que estão presentes num dado espaço de tempo (t) e envolve a conceptualização do centro dêítico. Pinheiro e Miranda (2017), em seu estudo sobre o dêítico “*aqui*” em dados orais e multimodais, resumem o pensamento da autora:

O Modelo Cognitivo Idealizado (doravante MCI) da dêixis envolve o ato de apontar para uma entidade no espaço, além de ser realizado por um falante autorizado e direcionado para um interlocutor não focalizado. Dessa forma, uma expressão dêítica é aquela que constrói um espaço mental no qual o falante e o destinatário são coapresentados em determinado ponto no tempo. (Pinheiro; Miranda, 2017, p. 114)

Assim, com base na noção de MCI dêítica de Marmaridou (2000) para determinar a categoria da dêixis “deve acolher não só exemplos nitidamente dêíticos, como também aqueles casos não tão óbvios, mas que carregam características peculiares do centro da categoria” (cf. Ferreira; Fontes, 2010, p. 37). Ainda sobre isso, Ferreira (2006, p. 41), ao revisar o assunto, comenta que “em função das noções de centro e periferias, a perspectiva perceptual humana ocasiona também um esquema de proximidade vs. distância”.

Dessa forma, a interpretação dos dêíticos é formada por elementos: falante, ouvinte, espaço e tempo, que estão inseridos em evento discursivo. Para Ferreira e Ferrari (2006, p. 49), “Novos *grounds* surgiriam como alternativa ao *ground default*, porque representações mentais nos permitem transportar o valor *default* dos itens dêíticos para outros domínios (espaços mentais ou MCIs) construídos no discurso, que darão conta da informação pragmática”.

Dessa forma, ao abordar o assunto como um fenômeno passível de manifestação por meio de diversas formas, as considerações de Marmaridou (2000) proporcionam uma valiosa contribuição para o estudo da dêixis. Sua pesquisa reconheceu que as palavras em uma língua

podem ser, em potencial, polissêmicas, permitindo, assim que diferentes lexemas desempenhem papéis nesse fenômeno. Isso contrasta com a abordagem mais tradicional, que procurava categorizar esses elementos como pertencentes a uma única categoria gramatical, em uma tentativa de definir o que constitui ou não um dêitico “natural”.

Uma das contribuições de Marmaridou (2000) é associar a definição da dêixis ao protótipo linguístico. Assim,

os pronomes pessoais “eu” e “você(s)”, para indicar falante e ouvinte(s), demonstrativos (“este”, “aquele”), para indicar objetos próximos e distantes do falante, e advérbios locativos e temporais (“aqui”, “agora”), para referência ao local e ao momento do evento de fala. Ainda dentro do modelo, os dêiticos sociais, constituem formas socialmente marcadas para indicar os participantes do discurso (ex. “você” versus “o senhor”/“a senhora”) (AndradE; Ferrari, 2017, p. 226).

Rühlemann e O'Donnell (2014) destacam, ainda, a questão da indexicalidade, eles descrevem o que foi abordado por Peirce: que “os signos podem ser icônicos, simbólicos ou indexicais” (Rühlemann; O'Donnell, 2014, p. 332), Para os autores, os dêiticos seriam os indexicais, já que são palavras que variam de “sentido” a depender do contexto, então afirmam sobre os dêiticos que:

A referência que eles realizam é exofórica; isto é, dêiticos como *você, esta noite, e em minha casa* são meramente sinais; (Bühler 1990 [1934]: 93) apontando uma relação de algum tipo (pessoal, temporal, locacional, etc.) que existe entre o falante e a situação (Crystal 2003: 127; Roberts 2004: 199) (Rühlemann; O'Donnell, 2014, p. 332).¹²

A capacidade de tornar expressões normalmente não indexicais em expressões indexicais por meio de um contexto situacional adequado sugere que, em certas situações, quase qualquer expressão de referência pode ser usada deiticamente, desde que haja uma clara relação com as circunstâncias situacionais imediatas. A indexicalização é o processo pelo qual uma expressão ou termo é usado para se referir a algo em um contexto específico, muitas vezes através de índices, como pronomes, advérbios de lugar ou tempo, que dependem do contexto para obter seu significado completo. Neste contexto, Rühlemann e O'Donnell (2014, 333) alegam que:

no que diz respeito à possibilidade de indexicalizar expressões normalmente não indexicais, parece não haver limite, pois “praticamente qualquer expressão de

¹² Cf. original “the reference they accomplish is exophoric; that is, deictics such as you, tonight, and at my house are merely “signposts” (Bühler 1990 [1934]: 93) pointing out a relation of some sort (personal, temporal, locational, etc.) that holds between the speaker and the situation (Crystal 2003: 127; Roberts 2004: 199).

referência pode ser usada deiticamente” (Levinson 2004: 101), desde que sejam usadas com uma visão imediata para circunstâncias situacionais.¹³

O entendimento da dêixis a partir de um gradiente permite ao analista compreender que, no desenvolvimento da argumentação, ela é promovida para que todos os envolvidos no ato comunicativo criem a mesma referência e reconheçam o que ou para onde o enunciador aponta, já que muitas vezes esta referência não é concreta, ou seja, a construção do significado dêitico envolve significados prototípicos e não-prototípicos. Dessa forma, admite-se que “nem sempre uma expressão que contém um elemento dêitico pode ser considerada uma expressão puramente dêitica e, muitas vezes, uma expressão pode ter um uso dêitico, sem conter um elemento dêitico em si” (Ciulla, 2008, p. 56).

2.3 Os tipos dêiticos

Ferrarezi Jr. (2019, p. 43), sobre a dêixis, comenta que “as línguas nos permitem localizar os diversos elementos no espaço e, inclusive, uns em relação aos outros”. O autor alude que, usando os elementos dêiticos de uma língua, podemos localizar: as pessoas do discurso (dêixis pessoal); os diferentes elementos a que nos referimos (dêixis referencial); as posições no espaço geográfico (dêixis espacial); as posições hierárquicas das pessoas no ambiente social (dêixis social); e os eventos no tempo (dêixis temporal).

Cavalcante (2000) desenvolve uma vasta descrição da categoria dêitica ao analisar suas definições e tipos, classificando-os num *continuum* do mais ou menos subjetivo. Ela apresenta cinco tipos de dêiticos: *pessoais*, *sociais*, *temporais*, *espaciais* e *discursivos*; além de diferenciá-los do processo de anáfora. A seguir apresentamos os tipos dêiticos da autora.

¹³ Cf. original “As regards the possibility of “indexicalizing” normally non-indexical expressions, there seems to be no limit, for “just about any referring expression can be used deictically” (Levinson 2004: 101) provided they are used with an immediate view to situational circumstances”.

2.3.1 Os dêiticos pessoais

O conceito de pessoa é bastante caro ao estudo dos dêiticos, por isso, Cavalcante (2000) retoma as considerações feitas por Benveniste (1988) sobre linguagem e subjetividade. A autora destaca que a linguagem não é um mero instrumento de comunicação e que defender isso é crer que o papel do homem não é fundamental para o discurso. A figura do sujeito que fala é de suma importância, ainda que seja para apresentar uma informação; por isso afirmam que a linguagem é:

Mais do que um simples veículo, ela está na própria natureza humana. Se lhe compete a função de transportar conteúdos, é somente porque a subjetividade, de que está completamente imbuída, capacita-a para tanto. Declara Benveniste que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como **sujeito**; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na **sua** realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (1988; 286). (CavalcantE, 2000, p. 26).

Assim, linguagem e subjetividade são consideradas indissociáveis, e, logo, fundamentais para compreender o fenômeno da dêixis. Segundo Cavalcante (2000), Benveniste (1991) aponta que, somente pela relação/contraste com o outro, o sujeito consegue reconhecer a si mesmo, pois “quando o enunciador se propõe como sujeito, referindo-se a si mesmo como *eu* no discurso, ele, ao mesmo tempo, estabelece um *tu*, com quem manterá uma relação de reciprocidade” (CavalcantE, 2000, p. 26). A autora discute também a relevância dos pronomes de primeira e de segunda pessoa que são capazes de se autorreferenciar, diferente dos de terceira que apontam para outros fora dessa relação “falante/ouvinte”, por isso, ela destaca que os três pronomes não estariam no mesmo nível de prototipicidade.

Dessa forma, dêiticos pessoais são os que melhor representam o fenômeno da dêixis dado o seu alto nível de subjetividade, eles são os que representam o sujeito enunciador, o ouvinte e as pessoas do discurso a quem o falante remeta (*eu, tu/você, ele, nós/a gente, vós/vocês, eles*). Estes itens também servem como base para os usos de outros dêiticos, como os espaciais – *aqui e lá*, que são definidos de acordo com a posição do falante; por isso esse tipo tem um alto nível de prototipicidade. Contudo, a subjetividade é diferente nos usos em que o – eu ou o – tu/você não representem diretamente o falante ou o ouvinte, casos específicos em que eles funcionam como um indeterminador, conforme os exemplos (01) e (02) a seguir:

(01) "... *É como bicicleta CAI... viu?... se **você** começar... tocar... tocar um violÃO ... e lá :: pelas tantas ... deixar parar coisa e tal... aí /cê tem que voltar tudo da estaca zero viu? ..*".

(F) 02-48-conversa espontânea – PORCUFORT). (Fonte: Cavalcante, 2000, p. 38).

(02) "*quando eu cito crítica... não é crítica:: de zombar... é crítica construtiva ... alertar as pessoas... as que não tenham cultura... e as próprias a que tenham... é:: tentar resolver a/ o/ eh:: a economia desse país... tentar desenvolver um plano entre patrão... e empregado... está ganhando pouco ... **eu** não posso pagar... então vamos acertar de uma forma... onde que o governo entre com isso ... e possa acertar. ..*".

(F035 - exposição informal - NELFE). (Fonte: Cavalcante, 2000, p. 38).

Nestes dois casos apresentados por Cavalcante (2000), os pronomes não estão sendo usados para referenciar as pessoas do discurso em questão, os narradores criaram hipóteses e os pronomes têm usos “genéricos”, equivalente aos pronomes de 3ª pessoa. Ainda assim, estes usos são considerados dêiticos e apresentam um nível de subjetividade, já que o sujeito cria uma situação e leva o ouvinte a se colocar naquela posição de agente (da situação hipotética); por isso, Cavalcante (2000) afirma que:

o que é tratado, às vezes, como redução ou abrandamento do caráter subjetivo, dado o recurso gramatical da indeterminação do sujeito sintático-semântico, e, na realidade, uma estratégia eficiente de modalização do discurso, e a modalização é a própria manifestação da presença do sujeito no enunciado. (Cavalcante, 2000, p. 39)

Vale ressaltar ainda casos em que a terceira pessoa é utilizada para substituir a primeira ou a segunda pessoa, com o enunciadador referindo-se a si mesmo na terceira pessoa. Isso fica evidenciado no exemplo em (03), em que temos o Papa falando de si mesmo na terceira pessoa:

(03) "*O Papa Joao Paulo II se despediu ontem dos brasileiros, depois de uma visita de dez dias a dez capitais (...):*

*- **O Papa** leva no fundo do coração o desejo e a esperança de que a Nação brasileira trilhe sempre a senda da valorização da dignidade do homem - disse*".

Fonte: (FIORIN, 1996, p. 85 *apud* Cavalcante, 2000, p. 40).

Enfim, apresenta-se também a **dêixis social** considerada por muitos autores como um subgrupo dos dêiticos pessoais, isso se dá porque o seu uso está diretamente ligado às pessoas do discurso, porém o nome social é dado pela escolha de palavras mais ou menos respeitadas ou polidas ou que revelam um nível de intimidade maior ou menor; ou seja, é outra maneira

de fazer referência ao falante, ouvinte ou assunto (3ª pessoa). Sobre isso, Cavalcante (2000, p. 42) indica, ainda, que “são as relações em sociedade (não a interação linguística em si mesma) que, ao condicionar a escolha dos níveis de maior ou menor formalidade, findam por determinar a seleção de títulos honoríficos e outras expressões de intimidade ou polidez”. Para Santos e Morais (2017, p.47) um exemplo deste tipo de dêitico no português brasileiro é o emprego de pronomes de tratamento como “você” e “senhor(a)”

2.3.2 Os dêiticos temporais

No âmbito das coordenadas da dêixis outro ponto importante é o tempo; a deiticidade de advérbios temporais como *amanhã, agora, ontem, hoje* vem da necessidade de recorrer à situação comunicativa para buscar as suas referências. Ao pensar na questão da representação do tempo, normalmente pensamos nos aspectos verbais, no entanto, observamos também elementos circunstanciais e indiciais que marcam o discurso no tempo de acordo com as coordenadas dadas pelo falante no instante do ato comunicativo, por isso Cavalcante (2000) faz um recorte sobre os elementos trabalhados em sua tese:

Utilizaremos, portanto, somente as sentenças com tempo, que não apenas realizam uma referência temporal restrita, como também remetem a algum momento exato ou período de tempo só identificável a partir do ponto zero da enunciação, das coordenadas que definem o sujeito. Só nesses contextos discursivos se pode falar de dêixis temporal, devido à consideração da perspectiva do falante no instante do ato de fala (isto é, no “*coding time*”, ou “tempo de formulação”, nos termos de Fillmore, 1997). Por tal razão se diz que o tempo dêitico é sempre **dinâmico**. (Cavalcante, 2000, p. 43)

Normalmente, costuma-se atribuir essa função dêitica aos pronomes demonstrativos e aos advérbios de tempo. No entanto, a autora argumenta que as expressões relacionadas a datas, como *dia da semana* e *meses*, por exemplo, podem não desempenhar a função de marcar o discurso no tempo e, portanto, não serem consideradas dêiticas, pois “independem do lugar do enunciador”. Para ilustrar esse ponto, ela cita o seguinte exemplo: “*Nos dias de quarta-feira, acontecem as remarcações*” (Cavalcante, 2000, p. 44), que significa “no dia de quarta de todas as semanas”, não sendo, assim, dêitico, mas apenas um nome. Entendemos, portanto, que um marcador temporal desempenha uma função dêitica quando marca a posição do enunciador, exigindo que recorramos ao momento da enunciação para determinar sua referência.

2.3.3 Os dêiticos espaciais

A dêixis de espaço aponta para o ambiente, para a posição dos objetos ou pessoas de acordo com o posicionamento do sujeito enunciador no momento da formulação do discurso. Entende-se que a referência de palavras como: *acima, abaixo, à esquerda, aqui, lá*, encontra-se no contexto comunicativo.

Então, segundo Cavalcante (2000, p. 48), “só se falará de dêixis de lugar quando uma expressão tiver como referencial a orientação **espacial** do enunciador, ou do destinatário em relação a ele, **no tempo de** formulação”, ou seja, caso a expressão linguística não ancore o significado no momento “aqui-agora” da enunciação e não seja necessário levar em conta a posição no tempo e espaço do locutor e interlocutor, ela não será um dêitico.

2.3.4 Os dêiticos discursivos

Os dêiticos discursivos apontam para referências textuais, ou seja, quando as coordenadas tempo e espaço são transferidas do contexto físico para o ambiente textual. A análise desse tipo dêitico gera grande discussão uma vez que há uma fronteira pouco definida entre a dêixis discursiva e os processos de anáfora.

Cavalcante (2000) destaca a dificuldade de definir a fronteira que limita a dêixis discursiva e os processos de anáfora, por isso retoma as discussões sobre a definição do que seria um dêitico. Identificamos a deiticidade de um item quando ele carece de referência e a encontramos no momento comunicativo, de acordo com a posição do enunciador, ou seja, no *coding time*, como proposto por Fillmore (1971). Como não se tem acesso ao momento da formulação do texto, a deiticidade dos termos pode ser afetada ou marginalizada.

Cavalcante (2000) apresenta traços de distinção entre os dêiticos e os anafóricos. A autora destaca que “dois critérios são atribuídos à caracterização dos dêiticos discursivos: a referência a porções difusas do discurso e a consideração do posicionamento do falante na situação enunciativa” (Cavalcante, 2000, p. 47), então, tradicionalmente, define-se que os dêiticos discursivos fazem referência a elementos não pontuais no texto e que esta função seria dos anafóricos, ou seja, diferentemente dos casos de anaforicidade, os elementos dêiticos, pela sua função mostrativa, se definem pela instrução de busca de referentes fora do

discurso ou do cotexto. Além disso, ela cita Apothéloz (1995), que acredita que os dêiticos discursivos localizam os itens no ambiente textual, ou seja, o texto é um ambiente metafórico da realidade e, por isso, é possível apontar para “objetos” nele.

A expressão dêixis textual designa comumente o emprego de expressões dêiticas como acima, em seguida, no próximo capítulo, aqui etc. com o objetivo de se referir a segmentos, a lugares, ou a momentos do próprio texto dentro do qual estas expressões são utilizadas. Diferentemente da dêixis situacional, o aspecto que funciona como marca desse tipo de designação não é o lugar e o momento da enunciação, mas o lugar, o momento do texto onde aparece a expressão dêitica. (...) A dêixis textual tem uma função metatextual, segundo Conte (1981). Ela permite organizar o espaço do texto e facilita, assim, a orientação do leitor ou do ouvinte dentro desse espaço. (Apothéloz, 1995, p. 34-5 *apud* Cavalcante, 2000, p. 51).

Dessa forma, ao referenciar termos difusos, Cavalcante (2000) observa que “pode-se afirmar que nenhum dêitico discursivo se classifica como correferencial, porque não há um objeto discursivo individualizado com que ele possa identificar-se” (Cavalcante, 2000, p. 53). A autora destaca as diferentes utilizações dos pronomes demonstrativos. Ela aponta que existe uma tendência de os pronomes substantivos, sobretudo o *isso*, atuarem como dêiticos discursivos, enquanto os pronomes adjetivos desempenharem um papel anafórico, como demonstrado nos exemplos a seguir:

- (04) *O principal problema é a falta de vagas nas cadeias de Fortaleza. Isso faz com que o criminoso fique muito tempo preso na Delegacia de Capturas e Polinter (Decapol), onde há risco de fuga, pois as grades parecem que foram feitas com sabão. Isso quer dizer que, por mais fraco que seja o ‘cabra’, ele consegue retirar a barra de ferro e fugir na maior moleza.” (artigo de jornal popular – corpus complementar)*

(Fonte: Cavalcante, 2000, p. 52)

- (05) *“A cada frustrada tentativa de instalação de uma CPI, vale lembrar o que disse o senador paraense Ademir Andrade na ocasião em que o governo tudo fez e conseguiu impedir a CPI dos Bancos: ‘Quem não quer essa CPI deve saber o que fez’”. (cartas do leitor – corpus complementar)*

(Fonte: Cavalcante, 2000, p. 52).

A justificativa para isso é a falta de um objeto específico para a referência; então ao invés de pensar um SN que dê conta de referenciar tudo o que foi dito, os falantes optam pelo demonstrativo neutro *isso*. Cavalcante (2000) descreve, ainda, pelo menos três fatores para determinar se determinado sintagma, pronome ou advérbio é considerado dêitico, e conclui que somente um fato não consegue criar uma fronteira entre os dois conceitos, mas somente com a análise dos três, sendo eles:

a) a nomenclatura, pela qual as informações-suporte ganham estatuto de referente e são categorizadas ou como pro-formas ou como rótulos; b) o procedimento dêitico, pelo qual são orientados os focos de atenção dos interlocutores; c) a pressuposição do posicionamento do falante ou do destinatário na situação real de comunicação. (Cavalcante, 2000, p. 55)

A autora ressalta também que outros atributos, embora comuns a certos anafóricos, também colaboram para a distinção da dêixis discursiva. Esses atributos incluem: (i) os dêiticos discursivos não são co-significativos, nem correferenciais, já que se ligam a um SN-fonte pontual; (ii) podem retomar a própria forma linguística, por meio de demonstrativos neutros; e (iii) quando assinalados por pronomes adverbiais circunstanciais, ou quando em uso catafórico, exercem importante função organizadora dos espaços do texto.

2.3.5 Os dêiticos modais e fictivos

O estudo dos dêiticos modais surge como um subtipo dos dêiticos indiciais descritos por Fonseca (1989). A autora buscou redefinir a classificação dos dêiticos feita por Bühler (1934), este fazia uma distinção entre dêixis: *in absentia*, *ad oculos*, *am Phantasma* e anáfora. A dêixis *in absentia* é onde se enquadra a dêixis de memória, fora do espaço físico concreto; a segunda corresponde ao apontamento para objetos presentes no momento comunicativo; então, para reconhecer a referência, os participantes precisam olhar para o mesmo lugar e ouvir o mesmo conteúdo, ou seja, depende de fatores sensoriais; por isso, Ciulla e Martins (2017) destacam para este tipo os de pronomes demonstrativos, cujos usos dependem da posição do objeto em relação ao falante no momento da fala “*sou eu o pai deste menino*. No exemplo, pressupõe-se uma cena em que esteja presente um menino, a quem o locutor apresenta como sendo seu filho. É preciso estar na mesma cena, para saber de quem se trata” (Ciulla; Martins, 2017, p. 85). Dessa forma, a autora redefiniu este tipo como dêixis indicial.

A dêixis modal surge como um subtipo da indicial, pois a referência dessa seria movimentos corporais, as autoras citam um exemplo de Fonseca (1996), “para a massa ficar leve, é preciso amassá-la assim”. Neste caso, advérbios de modo estariam enquadrados neste tipo de dêixis, desde que a referência estivesse no contexto, nos movimentos corporais realizados no momento da enunciação. Ainda sobre este assunto, as autoras apontam que não é somente pelo uso do *assim* que esta dêixis ocorre, mas em advérbios como “não entre na sala desse jeito” ou “não fale comigo nessa altura” (Ciulla, Martins, 2017, p. 86).

Já a dêixis *am Phantasma*, é definida por Fonseca (1989) como dêixis fictiva, uma vez que as coordenadas partem do campo físico para o campo imagético e os referentes “ficam situados num campo mostrativo imaginário, isto é, evocado pela memória ou (re)construído pela imaginação” (Fonseca, 1989, p. 125) Tal definição converge com o que foi proposto por Marmaridou (2000), já que trata do espaço imagético e da criação de referências na mente e não só no espaço físico.

Neste tipo, os apontamentos são feitos no espaço metafórico da mente e Bühler (1934) afirma que eles configuram situações como a descrição de um trajeto ou um ambiente diferente do que ocorre a situação comunicativa. De acordo com Ciulla e Martins (2017):

Bühler menciona, nesses casos, o que ele chama de uma transposição: é como se o locutor saísse da situação enunciativa em que está, de fato – por isso, é considerada pelo autor como uma mostração *in absentia* – e instaurasse uma nova *origo* na situação imaginada, podendo, assim, localizar-se nessa outra situação enunciativa. (Ciulla; Martins, 2017, p. 87)

Dessa forma, a dêixis fictiva é exemplificada pela autora como em “*na Rotunda da Boavista, estás a ver aquela casa verde, à direita, depois de saíres do Correio? É aí*” (Fonseca, 1989, p. 221), então os interlocutores precisam imaginar e recorrer à memória para criar este cenário real, mas ficcional no momento da enunciação, pois o apontamento não ocorre para o ambiente comunicativo concreto. É como se o falante descrevesse uma cena ou um cenário a ser imaginado ou lembrado pelo ouvinte.

2.3.6 Os dêiticos memoriais

Os dêiticos de memória são aqueles cuja referência é compartilhada no acionamento de uma lembrança no campo mental e imagético dos interlocutores, normalmente é composto de um pronome demonstrativo e um sintagma nominal, como “naquele tempo” ou “essa juventude”. Segundo Ciulla e Martins (2017):

Na dêixis de memória, trata-se de uma transposição do eixo de coordenadas, do espaço da situação imediata, para um espaço imaginado na memória. Assim, a memória não seria um eixo de coordenadas, mas aquilo em que a imaginação se fundamenta para criar esse novo espaço em que os referentes se situam. (Ciulla; Martins, 2017, p. 85)

Dessa forma, a referência dêitica não ocorre no espaço físico concreto, mas tal qual justifica Marmaridou (2000), ela é compartilhada mentalmente entre o falante e ouvinte, que acionam um momento específico na memória a partir do dêitico proferido. Então a referência não se encontra no texto ou no contexto, mas no campo mental e, ainda que seja metafórico, há um apontamento, fato este já destacado na visão cognitivista.

Geralmente, os dêiticos de memória vêm acompanhados de pronomes demonstrativos, como “*naquela época*” e por isso não se descarta a posição do falante para reconhecer o sentido, imagina-se que ao dizer “*naquela época*” ou “*naquele tempo*” o falante remete a um tempo distante. Isso vale para “*essa juventude*”, em que o falante não está mais no grupo dos jovens e ele trata de uma juventude atual. Esses dêiticos são referidos a partir dos apontamentos feitos pelos enunciadores.

Além disso, Lima e Santos (2015), que utilizam como dêiticos sintagmas nominais demonstrativos, mostram como estes “além de organizar espaços de orientação difusos, condensam posicionamentos argumentativos” (Lima; Santos, 2015, p. 355). Assim os autores reafirmam que:

Quando um referente é percebido, e algumas informações sobre ele são adquiridas, aquela informação é tipicamente preservada na memória e disponibilizada quando o objeto é reconhecido novamente. Nesse instante, há o contato ou pelo corpo ou pelo pensamento indicial e uma nova informação pode enriquecer o corpo inicial de expressões referenciais. Isso quer dizer que, as porções anteriores podem descrever um estatuto axiológico sobre o uso de SND. (Lima; Santos, 2015, p. 356)

Ao tratar sobre a dêixis memorial, tanto Ciulla (2008) quanto Lima e Santos (2015) buscam tratar as diferenças entre este tipo dêitico, as anáforas e a dêixis discursiva, uma vez que o uso dos pronomes demonstrativos é bastante recorrente nas referências textuais que correspondem aos dois últimos; então Lima e Santos (2015, p. 356) afirmam que “nestas discussões, fica evidente que os dêiticos memoriais partilham de funções tanto anafóricas quanto dêiticas. Logo, apresentar-se-ão como formas híbridas, pois se comportam simultaneamente no processo de referenciação”.

A transposição do campo físico para o mental depende ainda da subjetividade para a criação da referência. Por mais que os interlocutores estejam no mesmo ambiente físico, para a dêixis memorial ocorrer, é preciso que estes interlocutores tenham estado ou vivido um momento em comum para que o acionamento da lembrança seja o mesmo; um idoso pode falar “naquele tempo” para uma criança e ela não conseguir reconhecer as referências desse

momento porque no espaço mental elas não estão dentro das mesmas coordenadas de *pessoa* – *tempo* – *espaço*.

3 CONTRASTE E NEGAÇÃO

Neste capítulo, revisaremos os conceitos de contraste e de negação. Analisaremos o fenômeno da negação como um conector e o seu comportamento em relação à polaridade dos trechos.

3.1 A relação de contraste

“*Tudo que existe no mundo só o é porque não é alguma outra coisa*”¹⁴, a partir desta premissa, comumente definimos e caracterizamos seres e objetos comparando-os uns aos outros. Assumimos aqui que uma das formas de realizar a comparação é através do contraste. Ao analisar a argumentação comparativa em dados analisados em nossa amostra, encontramos tal argumentação na construção do contraste entre os elementos do discurso e na criação e construção de referências dêiticas (ver capítulo 5. Análise de Dados).

Ferrari e Longhin (2020, p. 2) afirmam que “concebemos *contraste* como uma relação de natureza linguístico-cognitiva que, baseada em representações mentais, resulta da percepção de uma diferença, incompatibilidade ou conflito entre entidades de algum modo cotejáveis”; então o contraste apresenta-se como uma relação de oposição entre seres, objetos, lugares, etc. Além disso, Ferrari e Longhin (2020) citam Sweetser, 1991; Rudolph, 1996; Lang, 2000; Mauri, 2008, os quais defendem que a relação de contraste não está naturalmente atribuída aos seres, mas que decorrem da operação da mente humana que interpreta e realiza a comparação entre entidades que existem no mundo.

Desse conceito decorre o entendimento de que as relações de contraste não existem *a priori* no mundo sociofísico, mas emergem da interpretação subjetiva dos falantes e escreventes, que *avaliam* estados de coisas e *constroem* entre eles relações contrastivas (Sweetser, 1991; Rudolph, 1996; Lang, 2000; Mauri, 2008). (Ferrari; Longhin. 2020, p. 2).

Admite-se então que o contraste é a representação mental de uma diferença entre entidades, ou seja, o cotejo entre duas entidades dissemelhantes. Sobre o assunto, Ferrari e

¹⁴ Anotação de aula na disciplina Teoria Literária, do curso de Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em setembro de 2022.

Longhin (2020, p. 2) indicam que há três formas de realizarmos a operação do contraste: (i) pela oposição semântica, (ii) pela correlação e (iii) pela quebra de expectativa.

oposição semântica, em que predicados paralelos trazem antônimos semânticos, como em *o cão é apegado ao dono, mas o gato é apegado à casa*; *correção*, em que os membros da construção trazem, respectivamente, uma refutação explícita e uma retificação, como em *ele não é inteligente, mas esperto*; e *quebra de expectativa*, em que os conteúdos das orações remetem a conclusões distintas, que têm pesos argumentativos também distintos, como em *ele ficou preso no trânsito, mas conseguiu chegar* (Ferrari; Longhin. 2020, p. 2).

O caso da correção é reconhecido nos dados, porém a conjunção adversativa “mas” fica subentendido, e a estrutura de formação é diferente do exemplo apresentado por Ferrari e Longhin (2020, p. 2) “ele não é inteligente, mas esperto”, porque o exemplo é um contraste entre uma mesma pessoa e não há dois apontamentos dêiticos; “Maria é inteligente, Carla não, Carla é esperta”, para ficar nos moldes do exemplo dos autores, teríamos “Maria é inteligente, mas Carla é esperta”. Se avaliarmos os dizeres das autoras, podemos dizer que se todos os casos de correção forem sobre um mesmo ser ou objeto, de fato, não caberia ao nosso estudo, mas se houver a possibilidade da correlação entre dois elementos, a função descrita caberia no estudo.

A quebra de expectativa é um recurso muito comum na comédia; Rodrigues e Monteiro (2016), ao analisarem piadas em *stand-up comedy*, a partir de uma perspectiva da Linguística Cognitiva, discutem que para o efeito do humor o público precisa do conhecimento enciclopédico para ativar e reconhecer os frames ativados pelas falas do comediante. No nosso caso, os frames são os dêiticos e os elementos que os comediantes usam para criar uma referência compartilhada com a plateia.

Aqui, é importante indicar os dizeres de Belford Gomes (2016, p. 35):

[...] cabe ressaltar que a questão do contraste não se resume somente à presença ou não de alguma marca formal na oração para indicar sua ocorrência. O contraste pode ser considerado como uma relação semântica opositiva que pode ocorrer em certas sentenças e que pode ser alcançado através de vários recursos: fonológicos, lexicais, morfossintáticos, sintáticos, textuais e contextuais.

Esse pensamento acima coaduna com os apontamentos de Paredes Silva (1993, p. 41), que aponta algumas possíveis marcas formais para evidenciar os contextos de contraste:

(i) o uso de uma conjunção ou um advérbio – tais como *mas*, *embora* ou *ainda assim* – que marcam oposição de ideias de forma explícita; (ii) o uso

de verbos com significados opostos; (iii) a presença de elementos negativos vs. afirmativos; e (iv) complementos diferentes para duas ocorrências do mesmo verbo.

No quadro funcionalista, Chafe (1976) aponta a contrastividade como um fenômeno que envolve três fatores: (i) o conhecimento pressuposto (entendido como dado), (ii) o número de candidatos possíveis para exercer o papel em questão e (iii) a asserção que contrasta o candidato em foco com outros possíveis. O primeiro fator está relacionado com o que o falante afirma ser partilhado com o destinatário. Chafe (1976) denomina de “*background knowledge*”, ou seja, o conhecimento partilhado pelo falante e pelo ouvinte de que alguém fez alguma coisa (uma proposição pressuposta pragmaticamente). Já o segundo fator, o falante assume que um número limitado de candidatos está disponível na mente do destinatário. Por fim, o terceiro fator é a afirmação de qual candidato é o correto, ou seja, a contrastividade, segundo o autor. Assim, para Chafe (1976), contrastividade diz respeito à escolha do falante em usar uma opção dentre várias, dando-lhe destaque e diferenciando-a de todas as demais, para chamar a atenção do interlocutor.

Este mesmo raciocínio é desenvolvido por Marmaridou (2000) ao tratar da dêixis como um fenômeno que conta com elementos circunstanciais num determinado momento no tempo. O MCI dêitico proposto pela autora descreve o processo que define um item como dêitico a partir das circunstâncias em que ele foi acionado pelo falante, assim como para Chafe (1972) ao apontar que a contrastividade depende de elementos contextuais, sobretudo das pessoas do discurso para ser definida.

3.1.1 As relações de contraste

Tradicionalmente, as orações subordinadas são classificadas em três tipos de acordo com a sua função nos períodos compostos por subordinação: as subordinadas substantivas, as adjetivas e as adverbiais. Interessa-nos as do último grupo; as orações adverbiais são orações que exercem a função num período composto, que seria de um adjunto adverbial num período simples. Dentre os tipos de orações subordinadas adverbiais destaca-se, para este trabalho, as orações comparativas, sobretudo as que exercem comparação através do contraste.

As orações comparativas podem se desenvolver de diversas maneiras, mas o traço que as une é o fato de relacionarem objetos discursivos a partir de traços semelhantes, diferentes

ou contrários. O contraste é uma espécie de comparação, uma vez que se nega um objeto para apresentar outro, estabelece-se uma situação de cotejo entre os dois.

A autora Maria Lobo (2003) apresenta em sua dissertação a difusa relação entre as orações subordinadas e as orações coordenadas. Ela afirma que “a aproximação lógica de coordenadas e de adverbiais reflecte-se por vezes em comportamentos sintácticos semelhantes, levando a que nem sempre seja fácil estabelecer uma linha demarcadora entre coordenação e subordinação” (Lobo, 2003, p. 18). Dessa forma, analisamos o contraste que se manifesta tanto nas orações adverbiais comparativas quanto as orações coordenadas adversativas.

Sobre o contraste compreende-se que um enunciado que apresenta uma declaração que contrasta com o outro enunciado pode produzir um efeito retórico. São várias as formas de estabelecer contraste entre enunciados, podendo operar pela relação de coordenação aditiva, coordenação adversativa ou foco/clivagem.

3.2 O estudo da negação

De acordo com o dicionário *Oxford Languages*¹⁵, a negação se define pelo “ato ou efeito de negar” e “o que se nega, o que não se admite como verdade; negativa”. Tradicionalmente, os compêndios gramaticais atrelam o uso da negação à classe dos advérbios, ver seção 3.2, a seguir. Estes advérbios, sobretudo o “não”, são analisados pela capacidade de negar um elemento da frase ou negar a frase inteira.

A definição de que negar é “o que não se admite como verdade”, embora muito comum, pode ser “problemática” uma vez que uma frase negativa nem sempre perde o seu valor de verdade, pois a verdade nem sempre é reflexo da afirmação. Então, dentre as diversas formas de se dizer algo, uma delas pode ser através da negação.

Contudo, as condições de verdade ainda são muito questionadas por estudiosos quando tratam da negação. Dulcelita de Alencar (2009) faz uma revisão sobre a negação e o uso do *não* mostrando nos dicionários de língua portuguesa, nos dicionários específicos, como os de Ciências da Linguagem, Linguística, Psicologia, Filosofia, além das Gramáticas tradicionais,

¹⁵ Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt>

antes e pós NGB, bem como a Gramática de Uso. Ao tratar do ponto de vista de “dicionários especializados”, a autora destaca que:

para Bérgeon (apud Perelman e Olbrechts-Tyteca, 1976), o pensamento que representa a realidade só pode ser expresso de uma maneira afirmativa. O pensamento negativo vem após o pensamento positivo e apenas intervém na relação entre as pessoas, isto é, quando se argumenta. (Alencar, 2009, p. 58).

Os autores apresentados por Alencar (2009) tratam do ato de negar, da ideia de oposição, contradição e contrariedade, sobretudo os de face da psicologia e ciência da linguagem que exploram as diversas maneiras de negar uma realidade ou afirmação. Os autores discutem, por exemplo, sobre a negação de um predicado ou de uma sentença e como isso é aplicado na comunicação.

Destas análises, interessa-nos a questão da argumentação e da oposição. Já que tratamos de dados de comédia em que prevalecem a defesa do ponto de vista do enunciador. De acordo com Cunha (2001, p. 18), “do ponto de vista psicológico, é mais fundamental afirmar um fato do que negá-lo ou desmenti-lo. A negação acrescenta complexidade cognitiva, que se reflete num aumento de complexidade gramatical ou morfológica”, tal complexidade se reflete na argumentação promovida pelos enunciadores ao se defender um ponto de vista estabelecendo uma comparação.

Além disso, a negação que analisaremos funciona como um conector¹⁶ que nega uma porção textual inteira. Sobre isso, Alencar (2009) afirma que

os dicionários especializados diferenciam, para a negação de uma proposição afirmativa, uma proposição contraditória e uma proposição opositiva. Os resultados obtidos das análises conferem essa diferença, pois ao se negar a totalidade do dito constroem-se uma oposição, o que cria uma incompatibilidade; porém, ao se negar parte do dito ocorre uma contradição e, dessa forma, parte do dito é mantida como afirmativa e a outra parte, como negativa. (ALENCAR, 2009, p. 70)

Nossos dados encontram-se no caso da oposição, pois ocorre a descrição de dois itens em situação de cotejo e um item é negado para apresentar as características opostas do outro. E, ao criar um ambiente de oposição, a negativa cria uma inversão polar sobre os itens contrastados.

Retomando o exemplo (02), temos a comparação de dois lugares distintos, o enunciador descreve o primeiro e nega as características descritas, na segunda porção textual.

¹⁶ Adotamos o conceito de conector como palavra ou expressão que conecta, isto é, liga partes de orações, cláusulas, períodos inteiros e, até fragmentos de texto maiores que uma sentença, estabelecendo uma relação semântica ou pragmática entre os elementos ligados, é mais adequado do que simplesmente se utilizar o conceito de conjunção para englobar os itens que promovem a articulação de cláusulas ou porções maiores de texto. (Rodrigues, 2018, p. 541)

Cria-se, assim, um ambiente de contraste/oposição. No entanto, o que é negado, de fato, é o dêitico *aqui* por não apresentar as características do lugar da primeira porção textual.

- (02) – *Mas e teus vizinhos lá? Pessoal ali da área deve tá com saudade do senhor, vamos lá!*
 – *Que saudade de mim o que? Tão não, 27 anos que eu moro lá nunca nem me convidaram pro aniversário de ninguém, só sabem reclamar dos meus cachorro. **Aqui não!** Aqui graças a Deus é pet friendly.*

Fonte: <https://www.facebook.com/PortaDosFundos/videos/2366285856958073/> (02min18seg - 02min29seg).

Então, a negação é proferida para conectar as duas partes do enunciado, e anunciar as características do item em questão na segunda porção. Neste trecho, a primeira porção A (sublinhada antes do conector destacado) é tida com caráter negativo e a segunda porção B (sublinhada após o conector destacado) com positivo, e o elo responsável por esta balança é o esquema [dêitico + não] uma vez que o dêitico conectivo é oposto ao que inicia a sentença e o advérbio *não* opera o contraste, negando em B as características descritas em A, para aí sim apresentar o contraponto de B.

Assim, a negação é um conceito amplo estudado por diversas áreas da linguagem, uma vez que se manifesta de várias formas na língua e com diferentes objetivos, não se limitando apenas a contradizer uma afirmação. Na perspectiva das gramáticas tradicionais, o que prevalece é o uso do advérbio *não* como um protótipo deste fenômeno; além deste, destacam-se negações no nível morfológico, como os prefixos *-des*, *-i (m,n)*, *-a*; e no nível sintático através das orações adverbiais. E de acordo com Goldnadel et. al (2013), no português brasileiro há, basicamente, três formas de negação: a pré-verbal, a final e a dupla negação, mas os autores destacam que há formas não canônicas de realizar este fenômeno.

Embora o ato de negar seja comumente atrelado ao uso dos advérbios de negação (sobretudo o *não*), é possível, pelo menos, encontrar, no PB, na esfera humorística, três formas de negação, sendo: (i) advérbios de negação e as diferentes posições que ocupam na frase; (ii) prefixos de negação; e (iii) pronomes indefinidos. Sobre isso, ainda, Goldnadel et al. (2013) acrescentam que a negação com advérbios ocorre basicamente de três maneiras: NEG1 pré-verbal; NEG2 dupla negação; e NEG3 pós-verbal, conforme, exemplos, a seguir. Furtado da Cunha (2001) aponta que essas três formas coexistem na língua:

a. *Eu não quero. (NEG1)*¹⁷

b. *Eu não quero não. (NEG2)*

c. *Quero não. (NEG3)*

¹⁷ Exemplos extraídos de Goldnadel et. al (2013, p. 38).

Ao tratar da negação, é comum que os autores descrevam o uso do advérbio *não*. As gramáticas tradicionais como as de Bechara (2009), Cegalla (2010) e Cunha e Cintra (2008) apontam o *não* como o advérbio de negação. Já, na visão funcional, Moura Neves (2018, p. 366-367) enquadra os advérbios de negação numa categoria dos advérbios que “não afetam o significado de um núcleo”, mas “operam sobre o valor de verdade de uma declaração”, dentro destes tópicos estão, de acordo com a autora, os advérbios de afirmação *sim* e os de negação *nem, não, nunca, jamais*. A autora ainda destaca que o *não* pode negar uma porção textual inteira ou só parte dela.

A negação também é descrita no nível morfológico da língua, Moura Neves (2018, p. 62) afirma que “cada morfema é portador de um significado particular que faz que aquela palavra em cuja formação ele entra deixe de significar o que significa, ou passe a constituir uma outra palavra, se ele for retirado ou trocado por outro morfema”. Por isso, além de implicar a mudança de classes gramaticais, determinados morfemas, neste caso os prefixos, podem alterar o significado de uma palavra e inclusive, negá-lo, como o prefixo *a-* nos vocábulos: *normal* e *anormal*.

De acordo com Rocha Lima (2011, p. 252-258), os prefixos *a/na-*, *des-*, *dis-*, *in/im-* podem apresentar sentido de negação. Outro autor que trata da negação canônica no Português é Mesquita (2004). Ele aborda, além dos usos dos advérbios, o nível morfológico através de prefixos de negação como: *a-*, *an-*, *i(n/m)*, *des-*.

Além destes casos, destaca-se também os pronomes indefinidos *algum, nenhum, nada, ninguém*. Chagas e Freitas (2017) retomam o pensamento de Mesquita (2014) e afirmam que “ao tratar do emprego dos pronomes, mais especificamente dos indefinidos, que *algum/nenhum* podem aparecer com sentido tanto positivo quanto negativo, dependendo da posição em relação ao substantivo” (Chagas; Freitas, 2017, p. 27). Os autores destacam que quando o pronome *algum* antecede o nome ele funciona com sentido de indefinir, mas quando está posposto ao nome apresenta valor negativo ao nome conforme os exemplos (4) e (5) demonstrados pelos autores:

(4) “**Alguma coisa** acontece no meu coração que só quando cruzo a Ipiranga e a Avenida São João [...]” (Caetano Veloso).

(5) “Já não interessa a descrição do corpo... que **anúncio algum** proverá” (Carlos Drummond de Andrade).

(Chagas; Freitas, 2017, p. 27).

Sobre o pronome *nenhum*, os autores mais uma vez enfatizam a questão da posição em relação ao nome, quando anteposto ao nome é um “indefinido” e quando está posposto ao

nome tem valor de negação. Chagas e Freitas (2017, p. 27) destacam que “Bechara (2010) acrescenta que o emprego do pronome posposto ao substantivo ocorre com maior frequência, em que estão presentes expressões negativas (não, nada, sem, nem)”.

Do ponto de vista da gramática descritiva, Perini (2005) trata da negação verbal e afirma que esta função só pode ser desempenhada pela palavra *não*. Para o autor, nenhum outro elemento poderia estar entre o *não* e o núcleo do predicado verbal, no caso, o verbo, a não ser pronomes clíticos, o que evidencia a sua plena função. Perini (2005) ainda destaca que o *mal* pode exercer uma função semelhante à do *não*, mas “há um grupo de itens que, provavelmente por razões de semelhança semântica, costumam ser classificados juntamente com não e mal', no entanto, seu comportamento sintático é claramente diferente do de não e mal. Exemplos são: *nunca, jamais, já, nada, ninguém*” (Perini, 2005, p. 86)

Ferrarezi Jr. (2008) aponta a ironia, o silêncio, exageros que podem ser formas de negar ainda que não sejam prototípicas. Já Ilari (2001) afirma que:

Contrariamente à crença corrente, há muitas outras maneiras de negar, além da que consiste em aplicar a um verbo o “advérbio” não: além desse “advérbio”, há muitas palavras e construções que expressam negação, e o verbo é apenas um dos segmentos de um enunciado sobre os quais a negação pode recair (Ilari, 2001, p. 122).

Entre os estudos linguísticos sobre a negação, a partir da abordagem da gramaticalização, destaca-se o artigo *O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação*, de Furtado da Cunha (2001). Neste trabalho, a autora descreve os três processos de negação: a canônica pré-verbal (*não* + *SV*), a dupla negação (*não* + *SV* + *não*) e a pós-verbal (*SV* + *não*), e traça um caminho de gramaticalização da negação canônica até a negação pós-verbal, que é menos utilizada que as outras formas.

Tanto para a gramática normativa quanto para os estudos linguísticos, a negação pré-verbal é reconhecida como o protótipo do fenômeno da negação. Em seu trabalho, Furtado da Cunha (2001) defende que a perda de massa fonológica do *não*- para *num*- gerou uma motivação para a dupla negação. Depois, pelo princípio da economia, a autora aponta que surge a negação pós-verbal. Em seus estudos, ela analisa dados da oralidade e da escrita, mas conclui o artigo com resultados dos dados da modalidade oral, haja vista que as mudanças linguísticas, em geral, tendem a surgir na fala.

O ciclo de negação no português do Brasil pode ser interpretado como o resultado de um processo cujo objetivo é a solução de um problema de informatividade: a negativa dupla emerge em resposta ao objetivo do falante de reforçar uma relação que já existe mas se tornou desgastada. A redução fonológica do *não* pré-verbal reflete o efeito da repetição sobre o significado. A frequência de uso da negativa pré-

verbal cria um potencial para a perda de informação. A negativa dupla é, então, motivada por uma necessidade comunicativa. Esse novo recurso gramatical surge a despeito da existência da negativa padrão pré-verbal, funcionalmente equivalente. Vimos que na fala a negativa pré-verbal alterna com a negativa dupla em contextos que representam uma pausa temática. É a recorrência do padrão não + SV + não, no discurso oral, que revela sua potencialidade para a gramaticalização e, em consequência, a possibilidade de mudança lingüística nos mecanismos de negação. (Cunha, 2001, p. 27)

Ferrarezi Jr. (2008) explora que a negação na linguagem pode ser aplicada a diferentes níveis de uma sentença. Assim, pode ser direcionada a um termo específico da frase, a uma parte da sentença ou mesmo a toda oração. Sobre essa flexibilidade, o autor destaca que:

existem formas de negar mais sutis ou mais grosseiras, utilizadas em situações sociais diferentes, que se prestam a diferentes propósitos. Essas formas incluem o uso de pedacinhos de palavras com sentido de negação, palavras com sentido de negação como verbos e certos pronomes, a ironia, certos tipos de afirmação, certos tipos de exagero ou mesmo um silêncio, que acabam significando que estamos negando algo. (Ferrarezi Jr., 2008, p. 185)

Consoante a isso, Ilari (2001, p. 122) acrescenta que “negamos toda vez que excluimos uma possibilidade”. Ele descreve a negação para além dos usos do advérbio “*não*”, utilizando, por exemplo, advérbios temporais como “*jamais*” e “*nunca*”, pronomes indefinidos como “*nada*”, “*ninguém*”, “*nenhum*”, prefixos “*não-*” ou “*sem-*” (como os *sem-terra*), verbos auxiliares como “*deixar de*”, e operadores antepostos às frases, tais como “*é falso que*” e “*não é verdade que*”, entre outros.

Estes estudos ganham destaque na área da argumentação, pois os autores citados tratam da noção posto e pressuposto. De acordo com Chagas e Freitas (2018, p. 28), “Cabral (2011) assinala que todos os pressupostos existentes em um enunciado já são previstos na significação da frase, através de uma reflexão individual do falante.” Por isso, a negação é mantida no que é posto e pressuposto nas orações, “o que indica que a negação continua de forma fixa na enunciação, isto é, já estava inscrita no conteúdo oracional” (Chagas; Freitas, 2018, p. 28).

Já Ducrot (1987) apresenta em seu livro *O dizer e o dito*, três formas de negação: a negação descritiva, a metalingüística e a polêmica. A negação metalingüística permite a anulação dos pressupostos do positivo adjacente.

A principal justificativa lingüística utilizada para dividir o sentido dos três tipos de frase em dois elementos, posto e pressuposto, é que certas transformações sintáticas modificam um e deixam o outro intacto. Assim, a negação conserva o pressuposto e inverte só o posto. (Ducrot, O. & Carel, M. 2008, p. 12)

A introdução de elementos enfáticos na negação é geralmente explicada pelo fato de que os enunciados negativos quase sempre pressupõem o enunciado afirmativo correspondente no contexto, seja explícita seja implicitamente. (Cunha, 2001, p. 23)

A introdução de elementos enfáticos na negação é frequentemente explicada pelo fato de que os enunciados negativos quase sempre pressupõem o enunciado afirmativo correspondente no contexto, quer de maneira explícita ou implícita. Assim, os marcadores negativos entram no sistema de negação como indicadores da rejeição enfática da expectativa explícita ou implícita do ouvinte (Cunha, 2001). Dessa forma, a ênfase na negação pode ser compreendida como uma estratégia linguística utilizada para destacar a contraditoriedade entre a negação explicitada e a possibilidade do enunciado afirmativo subjacente. Essa abordagem visa enfatizar a existência do enunciado afirmativo, seja para reforçar sua importância no discurso, seja para destacar uma discordância ou contraste com a negação apresentada.

É crucial destacar que a adoção de elementos enfáticos na negação não apenas intensifica a eficácia comunicativa do discurso, mas também corresponde à natureza complexa da linguagem, que frequentemente opera com pressupostos e subtextos. Subtextos referem-se às camadas subjacentes de significado, sentimentos e intenções que não são explicitamente expressos no texto principal, mas que influenciam a interpretação do discurso. Portanto, ao introduzir elementos enfáticos em declarações negativas, não apenas se trata de questões de concordância gramatical, mas também se lida com a necessidade de tornar evidente o que está implícito nas entrelinhas da comunicação. Essa prática não só enriquece a clareza e a precisão do discurso, mas também ajuda a evitar mal-entendidos e a transmitir com mais eficácia as nuances de significado desejadas pelo falante.

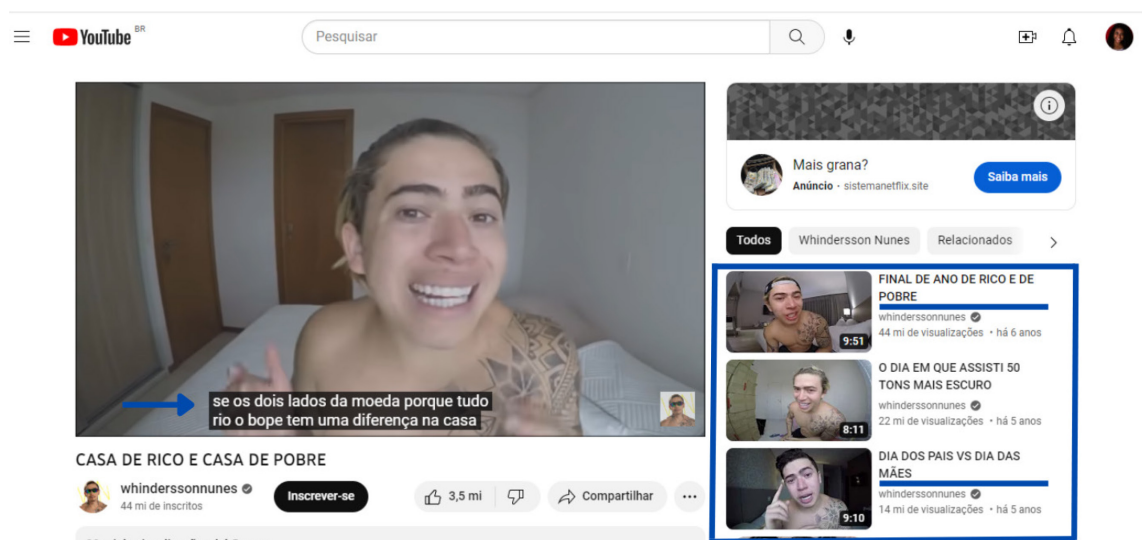
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos. Iniciamos com a apresentação de nosso *corpus de análise*, a coleta de dados e os critérios adotados para a classificação dos enunciados encontrados.

4.1 Sobre o *corpus de análise*

Nesta pesquisa, trabalhamos com corpora compostos por transcrições do *YouTube*, *Instagram*, *Facebook* e *TikTok* de fala de vídeos que vinculam conteúdo humorístico, nos quais é comum a utilização de estratégias discursivas para a construção da ironia, entre elas o contraste entre partes, num jogo de semelhança, em que são acionados os conhecimentos do ouvinte. O uso de falas oriundas do *Youtube* é um recurso promissor para estudos mais aprofundados tanto da variação dialetal como de novos contextos de usos da língua.

Para a constituição dos *corpora*, utilizamos do filtro de sugestões dessas redes sociais, em que podemos localizar opções de textos e gêneros semelhantes. Conforme destacado em azul no canto direito da imagem abaixo.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=KiaExB6LzOo>

Nas redes sociais citadas acima, retiramos vídeos de *stand-up comedy* de artistas como Fabiano Cambota, Bruna Louise, Fábio Porchat, etc.; de esquetes do canal Porta dos Fundos, vídeos de comédia do Whindersson Nunes e do *tiktoker* Hitallo, do perfil @hitalloalca, de trechos de programa de entrevista como o *The Noite* com Danilo Gentili e podcasts. Destacamos, a seguir, exemplos desses canais.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=C6iW2rMUXTU&t=1353s>



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=N7dEBTB611Y&t=117s>



CURTIR SEM CURTIR



Porta dos Fundos
17,6 mi de inscritos

Inscriver-se



147 mil



Compartilhar



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=TSTp9tDGJxk>

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=44rsfvNgIbs>

Fonte: <https://www.tiktok.com/@hitalloalca/video/7288078070446181637>

A comédia é um gênero que se manifesta por meio de diversos outros subgêneros. Escolhemos a comédia stand-up, os esquetes, vídeos de humor de youtuber e programas de entrevista humorísticos porque estes apresentaram contextos favoráveis para o surgimento de comparações e contraste.

O *stand-up* consiste no entretenimento da plateia através de piadas feitas pelo comediante sem recursos diversos, como cenário, caracterização, o humorista descreve casos, faz relatos da vida cotidiana e a apresentação é feita somente com ele e o microfone, pode haver jogo de luzes, a emissão de alguns sons. As apresentações normalmente são feitas em teatro, mas com o objetivo de divulgação do trabalho, artistas da área divulgam trechos dos shows nas redes sociais e quando tem um texto novo colocam o show inteiro disponível para o público da internet.

O Porta dos Fundos é um dos maiores canais do *YouTube* no Brasil. Ele é formado por um pequeno grupo de artistas e desenvolvem pequenas esquetes de comédia. São pequenas histórias de humor e crítica sobre o Brasil e a vida dos brasileiros, estes vídeos têm cenário, caracterização e duram cerca de cinco minutos.

Já o *youtuber* Whinderson Nunes produz vídeos de comédia sobre sua história, sobre filmes que assiste e principalmente sobre a diferença entre ricos e pobres, já que cresceu no interior do Piauí e ascendeu economicamente por meio da internet. Nos vídeos que foram utilizados na pesquisa, o comediante não utilizou recursos cenográficos ou caracterizações. O trabalho do Whinderson é semelhante ao do *stand-up comedy*, mas ele tem a possibilidade de editar os vídeos, acrescentar músicas, tornar o áudio mais rápido etc.

Semelhante ao comediante Whindersson Nunes, alguns dados foram encontrados no perfil do TikTok do influencer Hittalo, em seus vídeos para a plataforma, o humorista apresenta um conteúdo sobre a diferença entre ricos e pobres, enfatizando aquilo que caracteriza o pobre. Para mostrar e definir o pobre, ele precisa desenvolver uma comparação com o rico. Os vídeos são sobre os pobres, mas os ricos são citados para mostrar o que o pobre não é.

A escolha destes gêneros se deu pela construção de comparações em vídeos de comédia, sobretudo os que tinham no título temáticas como “homem e mulher”, “rico e pobre”, “cachorro e gato”, pois ali já inferimos que o tópico seria a comparação e temas opostos.

Além disso, contamos com o recurso de legendas geradas automaticamente disponível no *Youtube* e *Facebook*. Dessa forma, os trechos em que havia exemplos do item estudado foram transcritos manualmente até formar um *corpus* personalizado para a pesquisa.

Em suma, retiramos vídeos de comédia em gêneros distintos dela, esquetes, *stand-up comedy* e entrevistas. A escolha deste material se deu pela necessidade de textos orais e de cenários favoráveis à ocorrência de contraste. No caso das entrevistas, os dados ocorreram de modo menos complexo, diferente dos *stand-ups*; no caso do primeiro, as comparações

surgiam casualmente e nos *stand-ups* os comediantes buscavam defender um ponto de vista, dessa forma, a descrição era feita de maneira minuciosa para que o público captasse a intenção do locutor e entendesse a referência para compreender a piada.

4.2 Sobre a construção de contraste

Após a etapa de seleção dos vídeos, para a classificação dos dados recorreremos aos seguintes critérios:

- a) ocorrência de dêitico seguido de elemento de negação;
- b) classificação dessas ocorrências a partir da natureza dêitica, conforme a revisão apresentada (ver capítulo II), sendo: temporal; espacial/memória; pessoal;
- c) análise dos objetos discursivos/referentes acionados tanto no período preposto ao dêitico+negação como do período posposto, considerando duas porções textuais (A e B); sendo A, a porção que se inicia com o primeiro dêitico destacado no exemplo, e B, a porção seguinte ao conector [dêitico + adv. de contraste]

Após essa etapa, chegamos a uma amostra de 25 trechos de vídeos, que passamos a analisar no próximo capítulo.

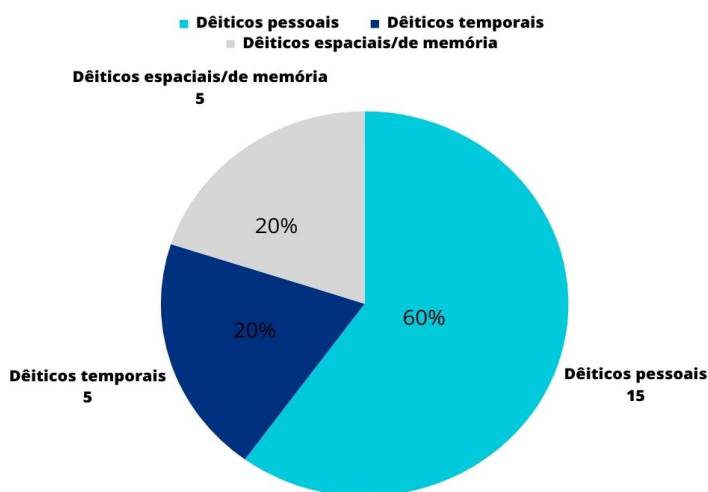
5 CONSTRUÇÃO DE CONTRASTE ARGUMENTATIVO: ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, apresentamos os resultados da análise dos dados, com foco na identificação e compreensão dos tipos de dêiticos presentes na construção do contraste argumentativo. Iniciamos nossa exposição destacando os diversos tipos de dêiticos identificados, com ênfase nas categorias de tempo, espaço e pessoal. Posteriormente, realizamos uma análise detalhada de cada tipo de dêitico, explorando suas nuances e implicações no contexto argumentativo. Por fim, oferecemos uma representação hierárquica do nosso objeto de estudo, proporcionando uma visão abrangente das relações entre os diferentes tipos de dêiticos e sua contribuição para a construção do contraste argumentativo.

5.1 Construção de contraste argumentativo: contextos de usos

Nossa primeira etapa de pesquisa recai sobre a observação dos construtos encontrados em nosso escopo de análise. Para tanto, após a etapa de busca e extração dos dados, conforme já antecipamos, encontramos 25 ocorrências, que estão distribuídas da seguinte forma, conforme o gráfico (01), a seguir.

Gráfico 1 – Tipos de dêiticos na construção de contraste argumentativo



Fonte: a autora.

Ao observarmos os resultados dispostos no gráfico (01), é perceptível que a maioria dos dados encontrados está associada aos dêiticos pessoais, representando (60%) do total. Em seguida, encontramos os dêiticos temporais e os dêiticos espaciais/de memória, ambos com uma incidência de (20%). Essa distribuição nos leva a crer que a predominância dos dêiticos pessoais é decorrente da natureza dessa categoria, que envolve o sujeito enunciador, estabelecendo sua posição no tempo e no espaço, fatores que, por sua vez, delineiam e influenciam os demais tipos de dêiticos. Esses resultados também podem ser observados na tabela (01), a seguir.

Tabela 1 – Tipos de dêiticos na construção de contraste argumentativo

Tipos dêiticos	Quantidade	Porcentagem
Pessoais	20 dados	60%
Temporais	5 dados	20%
Espaciais/de memória	5 dados	20%

Fonte: a autora.

É relevante destacar que os pronomes pessoais, demonstrativos e possessivos emergem como elementos particularmente significativos na construção de oposições argumentativas. Esses elementos desempenham um papel crucial ao intensificar o contraste associado a perspectivas ou posicionamentos específicos. Essa relevância advém da capacidade intrínseca desses dêiticos em agregar subjetividade ao discurso, caracterizando-os como a categoria mais prototípica do fenômeno da dêixis. Essa prototipicidade é evidenciada pelo alto nível de subjetividade que esses elementos conferem ao discurso. Portanto, o uso de pronomes na construção de contrastes não só estabelece uma clareza referencial, mas também enfatiza o contraste argumentativo.

Na próxima seção, inicialmente, dedicaremos nossa análise aos resultados relacionados à dêixis temporal e espacial; em seguida, abordaremos os resultados concernentes à dêixis pessoal. Este sequenciamento permitirá uma compreensão mais aprofundada das especificidades de cada categoria de dêiticos, contribuindo para uma análise mais abrangente e detalhada dos resultados obtidos.

5.2 Contraste e o campo dêitico temporal

Observamos, inicialmente o exemplo em (01), trecho retirado do canal Porta dos Fundos no *YouTube*, em que o humorista descreve uma cena em que temos um chefe que tenta demitir uma funcionária devido à quantidade exagerada de postagens sem graça no grupo do *WhatsApp* da empresa, por isso começa a explicar como a rede social funciona. Observemos o exemplo (01) a seguir:

- (01) *Antes as pessoas se encontravam pra ficar umas escrotizando as outras. Então era assim, era flamenguista contra vascaíno, era rico contra pobre, era coxinha e petralha. **Agora não**, agora as pessoas podem fazer isso ali, todo mundo junto!*

Fonte: <https://youtu.be/BaxgpBpBQX4> (02min08seg - 02min20seg)

Em (01), o chefe inicia o seu argumento falando como a sociedade funcionava *antes* (do *WhatsApp*) e localiza esse referente associado ao tempo pretérito (*encontravam, era*) na primeira porção textual (*Antes as pessoas se encontravam pra ficar umas escrotizando as outras. Então era assim, era flamenguista contra vascaíno, era rico contra pobre, era coxinha e petralha.*). Essa referência temporal sugere uma comparação entre um passado não identificado e o momento presente. Depois do dêitico “*agora não*”, o enunciador alude para os dias atuais e cria os elementos que ficarão em situação de comparação, ele descreve, no presente, como funciona a rede social em questão; para isso faz uso do tempo presente através do verbo “podem” e reforça o uso do dêitico “agora” repetindo-o depois da construção. Dessa forma, o contraste entre “antes” e “agora” é essencial para destacar o contraste entre passado e presente, criando uma comparação entre dois momentos distintos. Também é possível perceber o efeito irônico/crítico em relação à mudança nas interações sociais. O uso de “antes” pode sugerir que as pessoas costumavam se envolver em comportamentos negativos, enquanto “agora” indica uma possível melhoria ou mudança positiva, em que “agora não” sugere uma transformação nas formas de interação, permitindo que as pessoas expressem suas opiniões de forma mais coletiva e menor confronto.

Assim como o exemplo em (02), abaixo, temos a relação temporal em comparação, ou seja, o acionamento da localização do referente associado ao tempo, isto é, ao tempo discursivo, aciona-se o contraste entre as duas faces (*antigamente-agora*). Além disso,

observamos a atuação do elemento de negação (não), o que reforça a contraposição entre as partes.

- (02) “*Antigamente viajar era mais fácil (essa porra) os terroristas fuderam com as viagens tudo, quer matar as pessoas (?) mata, mas não atrapalha a minha viagem, sabe (?). **Antigamente** viajar era fácil, a máquina de detector de metal não apitava pra por** nenhuma; na verdade apitava, mas ele “perguntava tem arma?” “Não” então a leva a tua então, (não consegui transcrever) era uma alegria viajar; e **agora não**, tem essa preocupação e tal”.*

Fonte: <https://youtu.be/C6iW2rMUXTU>

Diante disso, percebemos que quando os dêiticos temporais são acionados, a argumentação é marcada não só pela descrição dos itens em cotejo, mas também pelo tempo (marcado nos verbos, no exemplo) que reforça a ideia de passado e presente observada nos trechos (01) e (02). Vale ressaltar ainda, que diferentes lexemas poderiam ocupar esta posição, como *hoje, ontem, amanhã* etc.

Sobre o uso do *agora*, Cavalcante (2000) afirma e questiona:

"Agora" funciona, no discurso, como um **marcador conversacional**, ou, em outra perspectiva, como um operador argumentativo. Não se opõe temporalmente, de fato, a *antes, depois, ontem* ou *amanhã*, por isso sua deiticidade se adelgaça. Mas seria lícito negar que está ancorado no tempo de formulação, uma vez que marca o início de um argumento oposto exatamente naquele instante da enunciação do falante? Não será pela sugestão de tempo dêitico que o falante opta por empregar a forma, sinalizando para o receptor que, a partir daquele preciso momento, será apresentada uma declaração contrastante? (Cavalcante, 2000, p. 52).

Cleres, Wiedemer e Cezario (2019, p. 185), ao analisarem o uso de *agora*, comentam que “os usos da construção com *agora* são produtivos e apresentam uma vasta gradiência semântica”. Entre as diferentes possibilidades, os autores apontam para a possibilidade de o lexema *agora* atuar na comparação de porções textuais, denominada pelos autores de comparação temporal enunciativa. Além disso, destacam que, nesses casos, o tempo é discursivo.

Vejamos, agora, o exemplo (03).

- (03) “*A primeira vez que eu vim foi na terça-feira que o Jacquin tava aqui, o macarrão tava meio duro e também muito barulho, muita loucura, e **hoje não**, você tá de parabéns! A comida tá muito boa”.*

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=nXMFOyuSN6k>

Em (03), temos novamente a correlação entre as ações no tempo pretérito (*eu vim*) e o tempo atual (*hoje, tá*). De modo que a comparação ocorre entre o macarrão em dois momentos distintos, no passado e no presente. A expressão "*a primeira vez que eu vim foi na terça-feira*" estabelece uma referência temporal específica ao indicar o momento exato em que a pessoa esteve no local pela primeira vez. O uso de "*foi na terça-feira*" anexa a ocorrência a um ponto preciso na semana. O contraste entre “passado e presente” é enfatizado com por "*hoje não*", indicando que a situação atual difere da experiência anterior. Novamente, temos a avaliação positiva, que é expressa na frase "*você tá de parabéns! A comida tá muito boa*". A dêixis temporal é crucial aqui para ressaltar que a experiência atual é agradável, marcando uma mudança positiva em comparação com a primeira visita. Essa polaridade entre as duas porções textuais parece ser algo característico dessa construção. Acreditamos que isso colabore para o efeito irônico/humor dos exemplos destacados.

Este tipo de contraste também foi identificado nos exemplos (01) e (02), sendo nestes, a comparação da brincadeira e socialização das pessoas antes e depois do *whatsapp* e as condições de viagens antes e depois dos ataques terroristas. No caso de (02) o autor argumenta que a viagem no passado era fácil e justifica sua fala citando atitudes terroristas na primeira porção textual; o mesmo ocorre em (03) quando o autor descreve o restaurante e o macarrão do passado e em (01) ao apontar a mudança de comportamento das pessoas depois das redes sociais. Nestes casos, a comparação temporal justifica-se pela distinção de um “objeto” no passado e no presente.

Os exemplos a seguir contém sintagmas oracionais na composição, em (04) a oração temporal compõe o conector [dêitico + não] e em (05), a oração é responsável por marcar o tempo no início da primeira porção textual.

- (04) *“Quando eu parei de curtir, pra garantir lá os seis mil reais de salário que a gente ganha da clínica, o que é bom, o que aconteceu? A minha tia foi pra Bariloche, aí começou a postar foto de neve, trenó, esqui, neve, neve, neve e montanha, não curti uma! O que aconteceu? Ela ficou chateada comigo, ficou puta, ficou doente, morreu. Pra quem que ela deixou a casa de Itaipava?*

- Tua irmã.

*- Exatamente. Só nessa eu perdi 300 paus. A Soraya lá do trabalho fica postando foto do cachorro dela no toboágua de Fortaleza, nunca curti uma foto dela. Pra quem que ela deu a promoção? Pro babaca do Jefferson que curte tudo até foto de luto. Até dinheiro com comida eu gastei mais, porque ninguém me chamava mais pra jantar, pra festa de aniversário, happy hour, nada. **Agora não.** Agora as coisas estão mudando [...] Meu tio Ito vai conseguir pra mim a fazenda dele do Tocantins, só porque eu curti foto dele fazendo tirolesa em Bonito. O Ian vai me levar pra Nova York de executiva porque eu curti foto dele andando a cavalo no hotel fazenda de Betim”.*

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=TSTp9tDGJxk>

- (05) *“Melhor coisa do mundo é vida de casado. Eu te digo, eu sou feliz demais; porque no casamento você ganha o direito (não só você, mas a sua esposa também), a gente ganha o direito de transar mal. Cara, pensa bem. Porque **quando tu é solteiro**, a gente não transa, a gente faz um crossfit, porque tu tem que dar duas, tem que mostrar serviço. Quando tu é casado é “Fla Fla” boa noite, obrigado, foi ruim, eu sei, mas é porque vai começar a série agora, tu quer que eu pegue uma Coca-Cola? Eu vou lá fazer um sanduba pra gente. E tá tudo bem. Ela até dá graças a Deus, e assim, **quanto tu é solteiro não**, tu não não tem essa chance”.*

Fonte: <https://vm.tiktok.com/ZMj63cBLt/>

No exemplo (04), assim como em (01), (02) e (03), temos a questão da mudança nas interações sociais que está apoiada na marcação do tempo verbal de uma porção textual para a outra. "Agora não" é introduzido como um marcador temporal que sinaliza uma mudança na abordagem do falante em relação às redes sociais. Essa expressão funciona como um dêitico temporal, indicando o presente e, ao mesmo tempo, sublinhando uma transformação na atitude do falante em relação às interações online.

Neste caso, o elemento contrastado é o estilo de vida do narrador antes e depois de passar a curtir as publicações de familiares, amigos e colegas de trabalho. O contraste decorre a partir das consequências do curtir e do não curtir. Existe um passado em que o narrador não curti as postagens dos amigos e familiares nas redes sociais e um presente em que age de modo contrário e recebe os benefícios por isso. Neste exemplo, o narrador sugere uma ideia de passado, na qual descreve as consequências da sua vida quando não curti as postagens, que eram o fato dele não ser lembrado pelos amigos e parentes em momentos rentáveis

financeiramente. No outro cenário, ele aponta as consequências da sua vida depois que ele passou a curtir e, neste caso, ele passou a ser lembrado e recebeu benefícios por isso.

Ainda em (04), percebe-se uma forte argumentação do enunciador nos dois lados da comparação. Ele lista os seguintes argumentos na porção textual A: a) a tia que postava fotos na neve morreu e deixou a casa para a irmã; b) a patroa que postava fotos do cachorro em Fortaleza deu a promoção do trabalho para outro funcionário; e c) o gasto com comida já que não era convidado para eventos sociais. Já na porção textual B, ele aponta dois argumentos: d) o tio vai conseguir a fazenda de Tocantins; e e) o amigo vai levá-lo para Nova York. Essa argumentação reforça novamente a ideia de polaridade entre as situações passadas e presentes, em que, antes, a ausência de curtidas resultava em perdas e situações desfavoráveis; agora, ao adotar uma abordagem mais participativa nas redes sociais, o narrador experimenta benefícios e ganhos.

Já no exemplo (05) o item comparado é o momento em que se é casado e quando se é solteiro. Este caso apresenta os elementos que definem os dois tópicos de maneira atemporal, utilizando o tempo presente nas duas porções textuais. O trecho é permeado por uma abordagem irônica e humorística, buscando entreter o interlocutor ao exagerar e caricaturar as diferenças entre a vida de solteiro e a de casado. A comparação entre "transar mal" no casamento e o "crossfit" da vida de solteiro cria a comparação entre os dois referentes discursivos. O uso deste tempo verbal contribui para a argumentação do trecho já que o tempo presente é comumente usado em textos argumentativos. Além disso, temos a polaridade entre "vida de solteiro" negativa e "vida de casado" positiva, em que os estilos de vida são comparados.

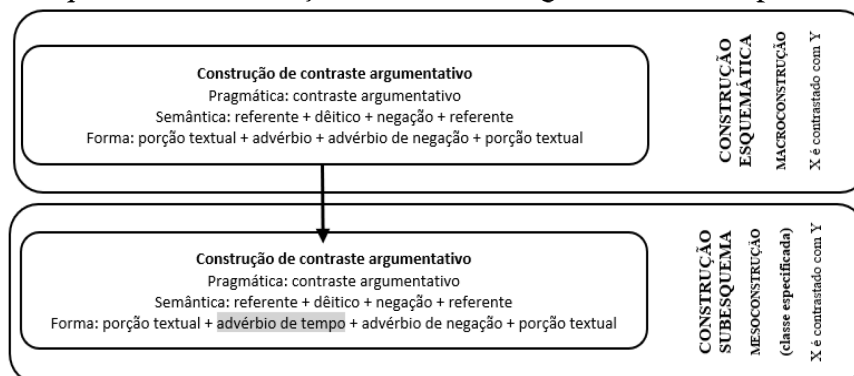
Em todos, percebemos que a porção textual A (a primeira antes da construção) é maior do que a segunda, pois, conforme já citado na seção da dêixis, o narrador precisa criar um referente comum com o leitor para que a função de comparar tenha sentido e, nestes casos, a referência precisava ser criada no início do texto. No caso de (04), apesar de seguir a regra e apresentar uma porção textual maior na primeira parte, os argumentos ficaram bastante equilibrados nos dois lados, sobretudo no fato de serem citados. Diferente de (02) que só afirma que no presente as viagens e os aeroportos estão diferentes do passado, aqui, a porção textual B é apenas "*tem essa preocupação e tal*".

Se observarmos os contextos analisados até aqui, percebemos que a construção de contraste desempenha papel importante na construção da argumentação do discurso ao destacar diferenças ou semelhanças entre objetos, ideias, pessoas, eventos, entre outros. Dessa forma, podemos desenvolver a hipótese de que a função da construção de contraste é dar

ênfase nas diferenças/semelhanças entre os elementos comparados. Com isso, o que está sendo comparado e por que está sendo comparado é colocado em evidência, o que acreditamos ser um recurso para dar foco na compreensão do enunciado e destaque do referente a ser contrastado, bem como no desenvolvimento da argumentação e do efeito irônico e humorístico. Soma-se a isso que lançamos mão de expressões linguísticas que, em determinados contextos, assumem a posição de persuadir, informar, entreter ou simplesmente apontar uma diferença.

A seguir, oferecemos a representação desses dois níveis hierárquicos: a construção de contraste argumentativa, no nível mais esquemático, e a especificação na mesoconstrução (subesquema) do dêitico temporal, no plano da forma, representado pelo advérbio de tempo (destacado em cinza), no esquema em (03).

Esquema 3 – Construção de contraste argumentativo temporal



Fonte: a autora.

A análise dos exemplos apresentados, de (01) a (05), evidencia o papel da dêixis temporal na construção do contraste argumentativo. Ao empregar dêiticos temporais como "antes" e "agora", por exemplo, o enunciador estabelece uma comparação entre dois momentos distintos, seja para ressaltar mudanças sociais, comportamentais ou experiências pessoais. A referência ao tempo passado, ancorada em verbos conjugados no pretérito, serve como ponto de partida para a comparação, enquanto o "agora" marca o presente, realçando as transformações ocorridas. Além disso, o lexema negativo "não" aponta uma negação do referente a ser comparado. Como vimos, o contraste ocorre através da polaridade entre as duas partes textuais. Tal estratégia não apenas destaca as diferenças, mas também reforça o caráter persuasivo do discurso, conduzindo o interlocutor a refletir sobre a evolução temporal dos elementos em foco, ou seja, o contraste.

Marmaridou (2000) argumenta que o tempo, embora inerentemente abstrato, pode ser conceptualizado de maneira mais concreta ao ser associado a referenciais espaciais. Essa

perspectiva sugere que a nossa compreensão do tempo é influenciada pela maneira como percebemos e organizamos o espaço ao nosso redor. Ao vincular domínios temporais a estruturas espaciais, é possível criar uma base cognitiva que facilita a apreensão e comunicação de conceitos temporais complexos. Dessa forma, a concepção de domínio abstrato, exemplificado pelo tempo, se revela como um fenômeno intrinsecamente vinculado à nossa percepção espacial.

Além disso, o efeito irônico e humorístico nos exemplos sugere que a construção de contraste não se limita apenas à exposição de diferenças, mas também incorpora uma dimensão estilística e expressiva. O uso de "agora não" na narrativa contribui para capturar a atenção do receptor. Nesse contexto, a dêixis temporal não apenas estrutura a comparação, mas também desempenha um papel fundamental na transmissão da intenção comunicativa do enunciador.

5.3 Contraste e o campo dêitico espacial

Além da possibilidade de usos com dêiticos temporais, conforme evidenciamos de (01) a (05), em nosso *corpus*, encontramos ainda os usos com os dêiticos espaciais que podem preencher o *slot* da construção de contraste argumentativo, principalmente os advérbios locativos/espaciais “*aqui, ali, lá*” ou advérbios mais referenciais, como nomes “*na loja, na casa, na escola*”.

Neste caso, a comparação contrastiva é feita entre dois lugares distintos, normalmente, entre um lugar mais distante e o local onde está inserido o falante. Também ocorre de a comparação ser feita entre dois lugares distintos, fora do ambiente da enunciação e, neste caso as referências são criadas no campo imagético e memorial, sobretudo, quando advérbios mais referenciais são acionados.

Assim, é possível encontrar o exemplo (06) seguinte, que corresponde a um trecho do vídeo do canal do Porta dos Fundos, o qual cria uma situação em que um personagem teve a sua casa reformada por um programa de televisão, mas este não queria voltar por problemas na vizinhança. O personagem elabora uma comparação entre a sua moradia reformada e o hotel em que ficou hospedado durante a reforma.

- (06) – *Mas e teus vizinhos lá? Pessoal ali da área deve tá com saudade do senhor, vamos lá!*
 – *Que saudade de mim o que? Tão não, 27 anos que eu moro lá nunca nem me convidaram pro aniversário de ninguém, só sabem reclamar dos meus cachorro. Aqui não! Aqui graças a Deus é pet friendly.*

Fonte: <https://www.facebook.com/PortaDosFundos/videos/2366285856958073/> (02min18seg - 02min29seg).

Quando o personagem se refere ao “lá”, ele aponta para algumas características deste lugar e como ele vivia nesta casa (reformada) no passado, o tempo verbal utilizado também corresponde a este aspecto passado “convidaram”, ainda que não seja tão marcado como no caso dos dêiticos temporais; no “aqui” o tempo presente prevalece compreendendo a relação tradicional das coordenadas da dêixis, baseada no *eu-aqui-agora*. Sobre isso, Cavalcante (2000) afirma que:

Tendo em consideração a relação intersubjetiva do falante com a linguagem, localizar um elemento exige, na verdade, sempre e **simultaneamente**, um referencial no tempo e no espaço, ainda que, em geral, seja mais **focalizado** ora um, ora outro, dependendo dos propósitos comunicativos. (Cavalcante, 2000, p. 45, GRIFOS NOSSOS)

Em (06), o enunciador faz ainda a repetição do dêitico (*aqui*) no início da segunda porção textual, que reforça o seu posicionamento e o juízo de valor positivo que cria daquele ambiente. Uma vez que o falante focaliza o espaço atual do discurso, ele reforça que está tratando de outro ambiente, um ambiente completamente diferente do anterior, o que favorece a argumentação da defesa do seu ponto de vista. Semelhante ao exemplo (06), encontramos o exemplo (07) a seguir:

- (07) “*Já vi muito motoboy na minha vida, mas nunca é igual o do Brasil... Primeiro que **em qualquer lugar do mundo** se você andar a 80km/h na cidade com a roda empinada, você vai morrer em três minutos, porque você tem que respeitar as leis da física. Aqui não, no Brasil são as leis da física que respeitam os motoboys. Não procure entender”.*

Fonte: tok.com/@paulcabannes_/video/7167015048378928390?_r=1&_t=8fYdwmz9Qw9

O exemplo acima foi retirado de um vídeo em que o comediante francês, Paul Cabannes, estabelece uma comparação entre os motoqueiros de outros lugares do mundo e os do Brasil. O comediante vive no Brasil e seus vídeos comumente apresentam comparações entre o nosso país e os países da Europa, sobretudo a França.

No vídeo sobre os motoqueiros, o autor começa apresentando o tópico “*Já vi muito motoboy na minha vida, mas nunca é igual o do Brasil*”, e depois começa os argumentos para justificar sua fala. Ele afirma que os motoboys de outros lugares do mundo respeitam as leis da física, enquanto no Brasil ocorre o contrário, as leis da física que respeitam o motoboy. Além do contraste [aqui + não], os textos das porções textuais complementam-se, de forma que são um perfeito oposto: porção A: os motoqueiros respeitam as leis da física; porção B: as leis da física respeitam os motoqueiros.

O dêitico “aqui” referindo-se ao local presente, ao local onde o falante está atualmente, colabora para um posicionamento do discurso e a implicação do contraste em relação ao local anterior. Além disso, a construção [aqui + não] colabora para a construção do significado positivo na segunda parte textual em relação à primeira parte.

Conforme já aludimos, de acordo com Marmaridou (2000), a dêixis é caracterizada pelo ato de indicar ou apontar para uma entidade no espaço. Esse ato é realizado por um falante autorizado e direcionado a um interlocutor que não está centralizado no foco da atenção. Nesse sentido, uma expressão dêitica pode ser entendida como aquela que estabelece e delimita um espaço mental no qual tanto o falante quanto o destinatário são conjuntamente representados em um ponto específico no tempo. A dêixis, portanto, envolve a capacidade de situar elementos no espaço e no tempo, criando uma referência compartilhada entre os participantes da comunicação. Esse processo não se limita apenas a indicar objetos físicos, mas também abrange a orientação das relações espaciais e temporais entre o falante e o interlocutor. Uma expressão dêitica, ao realizar esse apontamento, contribui para a construção de um contexto compartilhado, em que ambos os participantes podem visualizar e compreender a referência em questão.

Teixeira e Oliveira (2012) observam que o uso do termo "aqui" como marcador discursivo experimentou uma transição significativa, migrando de aplicações mais prototípicas, principalmente aquelas relacionadas a indicativos de locais específicos, para empregos menos convencionais. Esse deslocamento de ênfase do espaço em direção ao texto redefine a função e o impacto desse marcador discursivo na comunicação interpessoal. Além disso, Marmaridou (2000) alude para a intrínseca relação entre domínios espaciais e temporais. Ela destaca como o entendimento do tempo pode ser enriquecido ao considerar suas interconexões com o espaço. Assim, o conceito de tempo pode ser compreendido em termos de referência espacial. Essa abordagem sugere que, assim como localizamos objetos no espaço em relação a pontos de referência, também percebemos e entendemos o tempo através de uma estrutura espacial.

Ainda em relação aos dêiticos que podem indicar um referente espacial, além da possibilidade em (06) e (07), encontramos o uso dêitico a partir de referentes nominais em sua composição, como o exemplo em (08):

- (08) *A loja do rico, o provador é extremamente confortável, o chão é macio, (sei porque já dormi várias vezes), a luz te emagrece, o espelho te emagrece, se nada disso emagrecer te dão uma Herba Life na saída; só tem uma coisa de bom na loja do rico que tudo que você pedir pra provar a menina vai trazer; **na loja do pobre não**, eles contrataram um ser humano pra contar quantas peças que cê tá levando e não basta essa humilhação, ela ainda te dá uma placa desse tamanho dizendo cinco.*
 Fonte: <https://www.facebook.com/abrunalouise/videos/173382197006565/> (01min45seg – 02min22seg)

No trecho acima, o enunciador cria uma comparação/contraste entre as lojas – *pobre* vs. *rico*, em especial o provador das duas lojas. Observamos, neste exemplo, que os dois apontamentos correspondem a ambientes distantes da localização da comediante e da plateia; a referência independe da localização das pessoas do discurso, mas é um termo que carece de referência por ser um termo genérico no momento da fala; a deiticidade deste termo se dá pela necessidade de criar um referente comum entre a locutora e o público.

Embora não seja um lugar com referência específica, podemos reconhecer este lexema como um dêitico espacial, uma vez que os ouvintes conseguem chegar a um espaço comum e até referências concretas de lojas que tenham a descrição do enunciado, ou seja, constroem a significação de ponto de referência (loja e tipo de loja). Dessa forma, observamos uma projeção do sentido espacial, projeção essa de caráter mais subjetivo, pois é dependente do reconhecimento do referente pelo ouvinte, ou seja, lojas que contêm as peças que vão para o provador, que são, normalmente, lojas de departamento. Além disso, a construção do significado de cada loja é ancorada por outros lexemas, como em “*loja do rico*” em relação aos lexemas “confortável, macio, emagrece” e “*loja do pobre*” em relação aos lexemas “contar, desse tamanho, cinco”, conforme o esquema (04), a seguir.

Esquema 4 – Lexemas contrastivos auxiliares

Loja	
<p>Loja do rico</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>provador é extremamente confortável</i> - <i>chão é macio</i> - <i>a luz te emagrece</i> 	<p>Loja do pobre</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>ser humano pra contar quantas peças</i> - <i>placa desse tamanho dizendo cinco</i>

<p>- o espelho te emagrece</p> <p>- que tudo que você pedir pra provar a menina vai trazer</p>	
--	--

Fonte: a autora.

Em (08), foi possível listar os argumentos trazidos pela comediante para justificar o seu posicionamento. Neste caso, além da construção de contraste [dêitico + advérbio de negação], reconhecemos que toda a porção textual reforçou a intenção comunicativa do discurso, pois lexemas de valor positivo foram utilizados na primeira porção textual e depois foram negados e excluídos na segunda, mostrando assim que a loja do rico é melhor que a do pobre, que não confia nos clientes, já que precisa de um funcionário no provador para contar as peças.

Ciulla (2008) diz que a dêixis de memória é: “o processo em que se denuncia o posicionamento do enunciador no tempo e no espaço ou em que há a indicação de algum espaço – normalmente a memória –, onde podemos encontrar informações que nos servirão de base para construir um referente” (Ciulla, 2008, p. 73). A partir daí, Ciulla e Martins (2017) aludem que a dêixis de memória pode ser um subgrupo da dêixis espacial e afirmam que:

Se as categorias de pessoa, lugar e tempo estabelecem as coordenadas para a compreensão dos dêiticos, a memória não desempenha a mesma função. Na dêixis de memória, trata-se de uma transposição do eixo de coordenadas, do espaço da situação imediata, para um espaço imaginado na memória. Assim, a memória não seria um eixo de coordenadas, mas aquilo em que a imaginação se fundamenta para criar esse novo espaço em que os referentes se situam. (Ciulla; Martins. 2017, p. 85)

Observado os dizeres de Ciulla e Martins (2017), acima, vimos que os autores sugerem que a dêixis de memória pode ser considerada um subgrupo da dêixis espacial. Em contraste com as categorias tradicionais de pessoa, lugar e tempo, que estabelecem coordenadas para a compreensão dos dêiticos, a memória desempenha um papel distinto. Consoante a isso, Lima e Santos (2015) apontam que:

Quando um referente é percebido, e algumas informações sobre ele são adquiridas, aquela informação é tipicamente preservada na memória e disponibilizada quando o objeto é reconhecido novamente. Nesse instante, há o contato ou pelo corpo ou pelo pensamento indicial e uma nova informação pode enriquecer o corpo inicial de expressões referenciais. (Lima; Santos. 2015, p. 356)

Por isso, consideramos os lexemas “na loja do pobre” e “a loja do rico” como dêiticos, pois, ainda que tenham um forte referencial dado pelo sintagma nominal que os compõem, há

a necessidade de exposição de características para que todos os envolvidos cheguem no mesmo ponto pretendido pela enunciadora. Vale ressaltar ainda o juízo de valor oferecido a esses elementos em situação de cotejo: é reforçado pelos lexemas que foram ancorados a cada loja, conforme vimos no esquema (04).

Assim, este tipo de dêitico carece de uma referência maior para que todos os ouvintes compreendam a argumentação da enunciadora, haja vista que os ambientes apontados não são os lugares que ancoram o momento da enunciação. Ao produzir o trecho, cria-se um juízo de valor negativo sobre a loja do pobre e para isso a comediante argumenta sugerindo características boas para a loja do rico na primeira porção textual e características contrárias para a loja do pobre na segunda.

Além disso, a oposição semântica dos adjuntos adnominais “do rico” e “do pobre” contribui de forma significativa para a argumentação associada ao advérbio de contraste “não” que nega todas as qualidades descritas na primeira porção textual para a segunda. Observamos também que a descrição dos ambientes é feita também através da criação de diálogos e cenários que remetem a situações cotidianas. As características descritas acima também são encontradas de forma semelhante nos exemplos (09) e (10), que falam, respectivamente, sobre a escola do pobre; e sobre a casa do pobre.

- (09) *“Briga, **escola de rico** tem briga, acabou a aula, para a aula, fica aquela coisa ‘meu Deus eles estão brigando’, vai pra diretoria (- Jerold, mais uma vez eu tô aqui este ano, agora essa briga, agora já foi em 2036 tá?! Já se passaram vários anos desde aquela briga, mas não importa, Jerold; agora você vai ficar sem seu “xboxstation 17” por um dia! A gente tem que ser severa, D. Judite). **Escola do pobre não**, começaram a brigar na sala ou começaram a discutir –partiam pra cima, a professora falava assim “quer brigar? Briga lá fora! Na minha aula não.” Ai eles vão, vão lá pra fora brigar. Professora dentro da sala aqui (- O valor de x) e os caras lá fora.... “*

Fonte: https://youtu.be/yPVO8Jys_hU

- (10) *“Tem uma alegria que só filho de pobre tem, que é ver uma compra de supermercado chegando. **O rico** não tem essa alegria, o filho de rico todo dia que ele abre a geladeira tem coisa deliciosa, tem iogurte, sucrilhos kelloggs. **Casa de pobre não**, é o quinto dia útil, que a kombi do supermercado chega, começa a descarregar e cê começa a ver quais delícias vai ter pra comer aquele mês, ou melhor, aqueles dez primeiros dias de mês...”*

Fonte: https://www.facebook.com/watch/?extid=CL-UNK-UNK-UNK-AN_GK0T-K1C&mibextid=ifW6Jt&v=722340614963672

Em (09), o referente contrastado é a abordagem disciplinar adotada em cada escola, em que o comediante descreve um cenário de briga na escola de rico e depois um cenário contrário da mesma situação na escola do pobre. O efeito humorístico, gerado pelo contraste, em que são colocadas em polaridades as escolas de diferentes estratos socioeconômicos e de como lidam com conflitos entre os alunos. Já em (10), o humorista defende a seguinte tese: “*Tem uma alegria que só filho de pobre tem, que é ver uma compra de supermercado chegando*”, apontando para a comparação entre a experiência de um filho de pobre e um filho de rico destaca as diferenças nas expectativas e nas realidades cotidianas.

Nos exemplos (09) e (10), o narrador fundamenta sua fala sobre o universo dos pobres por meio de uma argumentação que destaca a necessidade de estabelecer uma referência contrária, que é o universo dos ricos. Essa abordagem vai além de simplesmente descrever as características das casas ou escolas dos menos favorecidos, pois o efeito humorístico emerge de maneira mais vívida quando há uma comparação contrastiva entre esses dois ambientes. Não basta dizer as descrições das casas ou escolas dos pobres, o efeito humorístico só faz sentido, neste contexto, pela comparação contrastiva que ocorre entre os dois lugares.

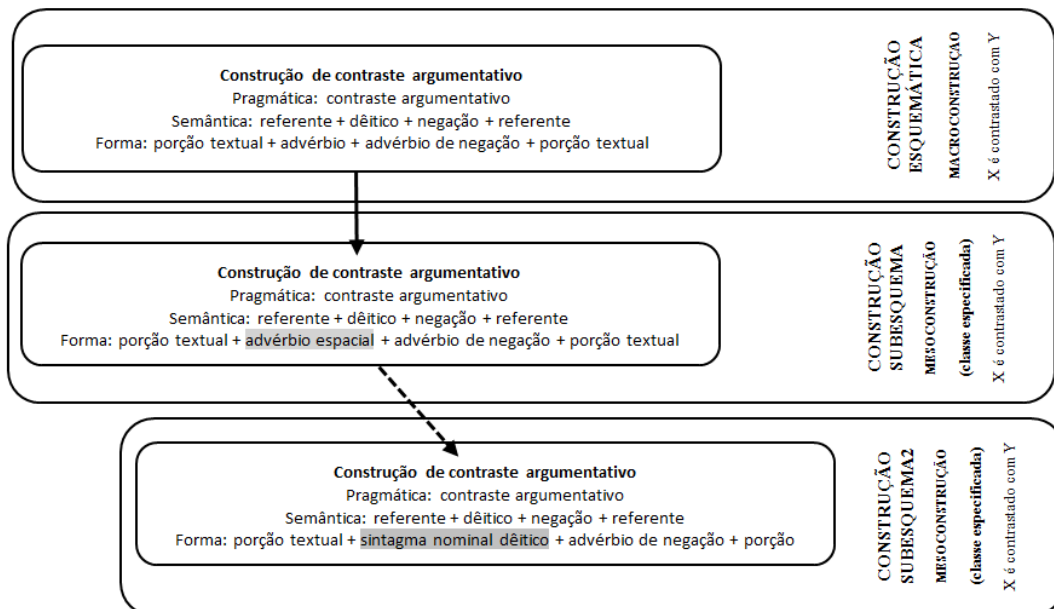
A comparação entre os dois universos serve como recurso para evidenciar nuances e ironias inerentes à desigualdade socioeconômica. Assim, ao criar um contraste entre os ambientes ricos e pobres, o narrador não só reforça a peculiaridade do humor presente nas descrições, mas também destaca a necessidade de compreender as condições socioeconômicas por meio da lente da diferença, enfatizando como o humor é uma ferramenta eficaz para abordar questões sociais complexas de forma acessível e reflexiva. Dessa forma, a argumentação do narrador não se limita apenas à criação de imagens contrastantes, mas também busca provocar uma reflexão mais profunda sobre as disparidades presentes em diferentes estratos sociais.

Considerando que temos ocorrências de dêiticos espaciais nos exemplos em (06), (07), (08), (09) e (10), vimos que o uso dos dêiticos espaciais, especialmente os advérbios locativos “aqui, ali, lá” e nomes referenciais como “na loja, na casa, na escola”, atuam na construção de contraste argumentativo no *corpora*. A análise revela que a dinâmica do contraste pode ocorrer tanto dentro do ambiente da enunciação quanto fora, em um campo imagético e memorial. Assim, os dêiticos não apenas indicam a posição física, mas também incorporam uma carga semântica que enriquece a argumentação, conferindo-lhe nuances específicas de acordo com o local referenciado. Igualmente, os nomes referenciais, como “na loja x”, funcionam como marcadores distintivos que direcionam a atenção do interlocutor para contextos específicos.

A seguir, procuramos representar esses dois níveis, os dêiticos espaciais e o subgrupo dos dêiticos de memória. Dessa forma, temos a seguinte representação hierárquica, no esquema em (04), no nível mais esquemático: a construção de construção argumentativo.

A seguir, procuramos representar esses dois níveis, os dêiticos espaciais e o subgrupo dos dêiticos de memória. Dessa forma, temos a seguinte representação hierárquica, no esquema em (05): no nível mais esquemático: a construção de construção argumentativo; no nível subesquemático (mesoconstrução): a especificação do tipo dêitico, no plano da forma representado pelo advérbio espacial (destacado em cinza), porém com duas possibilidades de subníveis, sendo um adverbial e outra com sintagmas nominais dêiticos, conforme já discutimos, acima. Vejamos a representação.

Esquema 5 - Construção de contraste argumentativo espacial



Fonte: a autora.

Dadas as discussões anteriores, admitimos que os sintagmas nominais atuam no fenômeno da dêixis na construção estudada, haja vista a criação de um referente comum entre enunciador e ouvinte. Marmaridou (2000) defende que a expressão dêitica constrói um espaço mental entre falante e ouvinte, ou seja, ambos precisam compartilhar a mesma referência em um determinado momento da enunciação. Nos casos analisados até aqui, os dêiticos são acionados, não só para o reconhecimento de uma referência, mas para reconhecer o ponto de vista do enunciador. No caso de (07), é comum que as pessoas saibam o que é uma loja, mas a

dêixis se dá para que os ouvintes observem as considerações da enunciadora sobre a diferença entre dois ambientes (a loja do rico e a do pobre).

5.4 Contraste e o campo dêitico pessoal

Além das ocorrências dos dêiticos de tempo e espaço, outra possibilidade que encontramos de referência dêitica na atuação de contraste é a denominada dêixis pessoal. Essa categoria, conforme Cavalcante (2000), destaca-se como a que melhor representa a categoria pelo maior grau de subjetividade, uma vez que o sujeito é o centro das coordenadas do mapa da dêixis que evolui sujeito, lugar e tempo. Passamos a analisar esses dêiticos pessoais a partir do exemplo (11), a seguir.

- (11) *“Olha, mulheres, outra coisa que a gente tem que reavaliar, que eu acho que a gente tá fazendo muito errado, é o negócio da despedida de solteira, (eita não) tá errando muito! Porque o homem vai fazer despedida de solteiro, ele compra o pacote de putaria na CVC com escala na DST, ele tá pouco se fodendo, entendeu? O homem que é casado finge que é solteiro e é rola que voa; a gente não, por que o que que é a despedida de solteira? É a união da noiva, das amigas que são casadas, que “oh meu Deus só queria ir num italiano comer um espaguete”, das amigas solteiras que realmente querem festa; então você não chega num lugar comum, é uma festa esquisita pra caralho, é verdade. A despedida de solteira da mulher é a despedida da noiva com as amigas solteiras que ela nunca mais vai ver, é isso...”*

Fonte: <https://www.facebook.com/abrunalouise/videos/737414886736602/> (03min42seg – 04min26seg).

No exemplo (11), a enunciadora cria uma situação de comparação sobre o tópico “despedida de solteiros”, entre homens e mulheres, e se inclui no grupo das mulheres a partir do uso do dêitico “a gente”; logo, no início do primeiro trecho. Assim, a autora reforça o seu posicionamento, o que demonstra mais propriedade no assunto e favorece a argumentação do discurso. A comediante analisa o comportamento das mulheres e dos homens e cria dois polos entre eles, no primeiro, ela se inclui, *a gente*, e no segundo ela se distancia, *ele*; além disso, ela se refere às mulheres através de um vocativo - *olha, mulheres, outra coisa que a gente tem que reavaliar...*; então o texto é direcionado a este grupo; ao passo que ao tratar do homem, ela cria um tópico – “*porque o homem vai fazer despedida de solteiro, ele...*”.

O uso do pronome "a gente" não só enfatiza a inclusão da falante no contexto discursivo, mas também cria uma identificação coletiva, estabelecendo uma conexão direta com o público. Dessa forma, a enunciativa “defende” o comportamento dos homens, porque ela julga mais divertido, e nega tais atitudes na despedida de solteira das mulheres; e neste caso, o grupo em que está inserida a enunciativa é que sofre a negação. Vejamos na figura (06), a seguir, essa relação entre os referentes dêiticos pessoais. Em azul, destacamos a relação com o referente “mulheres” e em amarelo, a relação com o referente “o homem”.

Figura 6 – Relação entre os referentes dêiticos “mulher” e “homem”

Olha, **mulheres**, outra coisa que **a gente** tem que reavaliar, que eu acho que **a gente** tá fazendo muito errado, é o negócio da despedida de solteira, (eita não) **tamo** errando muito! **o homem** vai fazer despedida de solteiro, **ele** compra o pacote de putaria na CVC com escala na D... **ele** por se fodendo, entendeu? **O homem** que é casado finge que é solteiro e é rola que voa; **a gente não** por que o que que é a despedida de solteira? É a **noiva** da **noiva**, das **amigas que são casadas**, que “oh meu Deus só queria ir **num** italiano comer um espaguete”, das **amigas solteiras** que realmente querem festa; então você não chega num lugar comum, é uma festa esquisita pra caralho, é verdade. A despedida de solteira da mulher é a despedida da **noiva** com as **amigas solteiras** que ela nunca mais vai ver, é isso...

Fonte: a autora

Além da relação na construção dos referentes em contraste, mulher e homem, o enunciador explora a dêixis pessoal ao descrever as diferentes perspectivas das mulheres envolvidas na despedida de solteira, delineando claramente as categorias de “noiva”, “amigas casadas” e “amigas solteiras”, destacado em cinza, na figura (06). Cada uso específico desses pronomes pessoais contribui para a caracterização desses grupos, criando a referência matizada da diversidade de experiências e expectativas em relação ao evento. Além disso, o uso “amigas casadas” sugere uma proximidade afetiva e uma conexão pessoal com essas mulheres. A seguir, procuramos oferecer um quadro contrastivo para o trecho analisado em (11), em que evidenciamos a relação de contraste

Quadro 5 – Quadro contrastivo

Pontos de vistas em contraste	Mulher	Homem
Perspectivas assumidas	Noiva, amigas casadas, amigas solteiras	
Retomadas dos referentes em contraste	<i>A gente; tamo</i>	<i>Ele, o homem</i>

Tópico	<i>Despedida de solteira</i>	
Contraste para o desenvolvimento da argumentação		- compra o pacote de putaria na CVC com escala na DST - finge que é solteiro e é rola que voa
Contraste e ponto de vista escolhido (construção dêitica)	<i>A gente NÃO</i>	
Argumentação desenvolvida	<i>É a união da noiva, das amigas que são casadas, que “oh meu Deus só queria ir num italiano comer um espaguete”, das amigas solteiras que realmente querem festa; então você não chega num lugar comum, é uma festa esquisita pra caralho, é verdade. A despedida de solteira da mulher é a despedida da noiva com as amigas solteiras que ela nunca mais vai ver, é isso</i>	

Fonte: a autora

Outro exemplo que encontramos de contexto de uso do dêitico pessoal é o uso pronome “você”, conforme o exemplo (12) a seguir.

- (12) “Agora tem aquele negócio... porque você fez a cirurgia e emagreceu, mas você tá saudável, tem **gente que faz a cirurgia** e parece que tá doente, **você não**, você tem a aparência saudável”.

Fonte: <https://www.facebook.com/TheNoitecomDaniloGentili/videos/1093148724224763/>
(02min15seg – 02min26seg).

No exemplo (12), o trecho destacado é uma conversa do apresentador de TV, Danilo Gentili, com o humorista Leandro Hassum. O recorte é uma observação do entrevistador sobre o entrevistado que havia feito a cirurgia bariátrica. Observamos que o enunciador cria a situação de cotejo entre “gente que faz a cirurgia”, esse grupo não especificado de pessoas que ele julga não ter aparência saudável após a cirurgia; e o entrevistado, que do ponto de vista do apresentador é o *você*. Ao utilizar “você” como o ponto de referência central, o enunciador ressalta as características do entrevistado em contraste com a condição de outras pessoas que passaram pela mesma intervenção cirúrgica. A escolha de pronomes pessoais específicos, como “gente” e “você”, não só individualiza o interlocutor, mas também introduz uma perspectiva pessoal e subjetiva na narrativa.

A argumentação começa com a afirmação do apresentador sobre o estar saudável do comediante após a cirurgia bariátrica e para justificar esta afirmação ele cria uma situação de

cotejo entre pessoas que já fizeram a mesma cirurgia e o entrevistado; algumas pessoas que já fizeram parecem estar doentes, porém tal característica é negada sobre o aspecto do entrevistado. Neste caso, o enunciador criou a comparação para argumentar e justificar a sua fala inicial *porque você fez a cirurgia e emagreceu, mas você tá saudável*, o que nos leva a inferir que algumas pessoas realizam a cirurgia e não ficam saudáveis. Assim como no exemplo anterior (11), no qual a dêixis pessoal contribuiu para a construção de identidades, em (12), a escolha estratégica do pronome pessoal "você" não só destaca o entrevistado, mas também acrescenta uma dimensão argumentativa à observação inicial do apresentador sobre a cirurgia bariátrica.

Percebemos, então, que os dêiticos pessoais podem encerrar uma necessidade de justificativa de uma fala anterior sobre o item negado na segunda porção textual. Nota-se que para fazer jus à afirmativa inicial de que as mulheres fazem a despedida de solteira errado, a autora começa a argumentar dizendo como é a dos homens e depois como é a das mulheres; ao passo que Danilo Gentile observa que Leandro Hassum fez a cirurgia e está com a aparência saudável e justifica tal observação comparando o ouvinte a pessoas que fazem a mesma operação e não têm essa aparência.

Vejamos, agora, o exemplo em (13) com o pronome pessoal de primeira pessoa “eu”.

- (13) *“A gente era criança e meu pai saía pra trabalhar à tarde e deixava eu e meu irmão sozinho em casa. Deixava lanche pronto? Não, dava dois reais pra cada um e se vira. Olha que coisa maravilhosa. O meu irmão é burro, comprou um chocolate, eu não, eu sou esperto, eu fui na venda, comprei um skinny (skinny é um salgadinho desse tamanho, ele é um travesseiro de salgadinho e ele é infinito...), meu irmão, o chocolate dele acabou em trinta segundos...”*

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=N7dEBTB6l1Y&t=72s>

O exemplo acima é um trecho do stand-up do comediante Fabiano Cambona em seu show solo. Aqui, temos a comparação entre ele, o comediante, e o seu irmão. O texto começa com uma descrição do cenário que os irmãos viviam para ambientar o público acerca do que os dois faziam de diferente com o dinheiro oferecido pelo pai. A primeira porção textual A: *“O meu irmão é burro, comprou um chocolate”*, aponta para o primeiro elemento em situação de cotejo: “o meu irmão”, a segunda porção textual B: *“eu sou esperto, eu fui na venda, comprei um skinny (skinny é um salgadinho desse tamanho, ele é um travesseiro de salgadinho e ele é infinito...), meu irmão, o chocolate dele acabou em trinta segundos...”*, é conectada por [eu + não] e demonstra que o comediante fala de si próprio como superior. Enquanto seu irmão é descrito como burro, ele nega sobre si esta característica e se descreve como

“espertão”, já que comprou algo que duraria mais tempo e fez um uso melhor do dinheiro oferecido.

Ademais, em (13), o contraste é acentuado quando o narrador comenta sobre as escolhas específicas dele e do irmão, e se autodenomina como "espertão" ao decidir comprar um salgadinho chamado "skiny", enquanto chama o irmão de "burro" por escolher um chocolate. O uso de "eu não" ressalta a diferença de escolhas entre os dois. Vejamos outro exemplo, a seguir, do uso de pronome pessoal em (14).

- (14) *“Tem **muitas pessoas**, acho que vários convidados de vocês são pessoas que tem uma ascensão muito rápida. Elas estouram uma música e em dois anos a pessoa tá com uma mansão, mudou de vida. **Eu não**, foram anos, anos, anos. E todo mundo, porque eu era pequena e muito observada, achava que eu estava no auge, mas não tava, porque quando você é criança você tem outro tipo de fama, que não é a fama da hora, dos famosos....”.*

Fonte: <https://vm.tiktok.com/ZMj6Tjy1s/>

Em (14), observa-se o trecho de uma entrevista com a atriz Maisa no podcast, “Podpah”. A atriz faz uma comparação sobre ascensão financeira entre si própria e outras pessoas que obtiveram fortuna mais rápido, ela afirma na primeira porção A que “*muitas pessoas*” ganham dinheiro muito rápido e logo mudam de vida, ao passo que, na vida dela essa ascensão demorou anos, pois a fama infantil é outro tipo de fama, então ela nega em si mesma essa característica que acontece com os demais. Assim, temos a primeira porção textual iniciada pelo dêitico “muitas pessoas” e a segunda B conectada pela construção [eu + não].

Nos casos (13) e (14), é possível perceber uma semelhança sintática (pronome + negação) entre os dois textos, sobretudo pelo uso do dêitico pessoal “eu” no conector que equaciona as duas porções textuais. Em ambos os casos houve uma justificativa para diferença apresentada pelos narradores. Em (13), Fabiano Cambota justifica a sua superioridade quando afirma que o salgadinho comprado por ele é infinito e o chocolate do irmão durou trinta segundos, em (14) Maisa justifica a sua comparação ao afirmar que há uma diferença entre a fama de um adulto e de uma criança.

Encontramos também a possibilidade de ocorrência de dêitico pessoal através de SN, como os exemplos (15) e (16), a seguir.

- (15) *“Tem coisa que só dá certo se você for rico, só funciona na casa de rico, tipo guarda-roupa sem porta, “closet”, porque **o rico** adora deixar as coisas expostas assim tudo organizadinho. **O pobre não**, o*

*pobre luta pra manter as portas no guarda-roupa, porque parece uma sina, o guarda-roupa de pobre as portas começam a cair do nada, tem que desparafusar e aí elas não fecham mais, e aí se for porta de correr então ela correu tanto que não voltou mais. Tá dizendo que o pobre é bagunceiro? Não, to dizendo que o rico tem quem arrume o guarda-roupa pra ele. **O pobre não**, ele usa as portas pra esconder a bagunça”.*

Fonte: <https://www.tiktok.com/@hitalloalca/video/7291768416581537029>

Este texto foi retirado do vídeo do comediante Hitallo Alca sobre a diferença entre ricos e pobres. Neste caso, o autor descreve a situação do guarda-roupa para essas duas realidades. A comparação ocorre para justificar a fala inicial do autor “*tem coisa que só dá certo se você for rico*”, após isso, ele exemplifica que o guarda-roupa sem portas é algo que o rico usa, mas que o pobre não. Dessa forma, coloca estes dois grupos em situação de cotejo. No segundo trecho, ele reforça esta comparação quando afirma que o rico tem quem arrume o guarda-roupas, e nega esta possibilidade para o pobre. Neste caso, a argumentação do comediante é fundamentada duas vezes, uma vez que apresenta dois blocos de porções textuais sobre o mesmo assunto. A seguir, procuramos oferecer um quadro contrastivo (06) para o trecho analisado em (15), em que evidenciamos a relação de contraste:

Quadro 6 – Quadro contrastivo

Proposição: “ <i>Tem coisa que só dá certo se você for rico, só funciona na casa de rico</i> ”		
Porção textual A: <i>porque o rico adora deixar as coisas expostas assim tudo organizadinho</i>	Contraste e ponto de vista escolhido (construção dêitica) <i>O pobre não</i>	Porção textual B: <i>o pobre luta pra manter as portas no guarda-roupa, porque parece uma sina, o guarda-roupa de pobre as portas começam a cair do nada, tem que desparafusar e aí elas não fecham mais, e aí se for porta de correr então ela correu tanto que não voltou mais.</i>
Proposição: <i>Tá dizendo que o pobre é bagunceiro? Não</i>		
Porção textual A: <i>to dizendo que o rico tem quem arrume o guarda-roupa pra ele.</i>	Contraste e ponto de vista escolhido (construção dêitica) <i>O pobre não</i>	Porção textual B: <i>ele usa as portas pra esconder a bagunça.</i>

Fonte: a autora

Outro exemplo de ocorrência é encontrado em (16), em que temos uma fala do comediante Leandro Hassum no programa de humor *A culpa é do Cabral*. Ele compara o solteiro com o casado, no trecho o comediante defende que o solteiro está sempre se sentindo

mal, e sempre preocupado, enquanto o casado não apresenta essa preocupação. Neste caso, ele cria pequenas situações e diálogos para descrever e defender seu ponto de vista.

- (16) *“Solteiro tá sempre se sentindo mal. “Fulana não quis sair hoje, acho que eu mandei mal”. Casado não, cê dá aquela encostada de rola assim e ela diz SAI e você “desculpa, desculpa””.*

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=dES4oWk1naU>

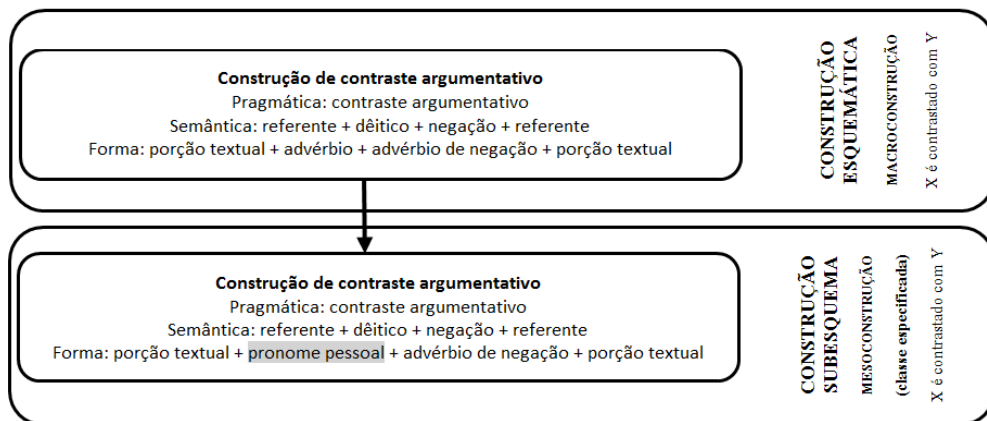
Considerando os exemplos (11) a (16), destacamos que os dêiticos são empregados para criar o contraste e afirmar a expressão de pontos de vista e identidades, em que se percebe a perspectiva subjetiva do enunciador. A expressão de pontos de vista subjetivos, por meio dos dêiticos pessoais, se destaca como um componente crucial na persuasão e fundamentação de argumentos. Como vimos no exemplo (11), a comediante não apenas compara as despedidas de solteiro de homens e mulheres, mas utiliza "a gente" para se posicionar como parte do grupo feminino, conferindo maior autenticidade à sua crítica e perspectiva. Essa expressão subjetiva fortalece não apenas a mensagem em si, mas também a conexão emocional com o público, uma vez que a audiência pode se identificar com a experiência compartilhada. Além disso, como vimos nos exemplos (13) e (16), a escolha de pronomes pessoais pelo comediante serve não apenas para construir piadas, mas para criar empatia e aproximação com o público.

Os exemplos (15) e (16) apresentam sintagmas nominais dêiticos em sua composição [*o rico... pobre não...*], [*solteiro... casado não...*], por isso, consideramos estes casos como dêiticos de memória, numa subcategoria dos dêiticos pessoais, uma vez que estes nomes acionam de maneira genérica um referente na mente do ouvinte, referência esta que é construída a partir do juízo de valor e das características apresentadas pelos comediantes. Dessa forma, o público retoma, em sua memória, uma imagem de pessoas que são pobres e ricas e de pessoas que são solteiras e casadas, a partir de estereótipos já construídos pela experiência e pela cultura associados ao juízo de valor proposto pelo enunciador.

Este tipo de dêitico, embora apresente uma grande carga semântica, carece da descrição feita pelo enunciador para que todos compreendam seu ponto de vista e seu julgamento sobre ricos e pobres, e casados e solteiros. O sintagma nominal apenas oferece o significado das palavras, mas para compreender o efeito humorístico, o público precisa buscar na memória os referentes e associar ao que comediante apresenta. Assim, consideramos estes casos como dêiticos de memória também, bem como os casos de dêiticos espaciais.

A seguir, ofereceremos a representação esquemática, em que temos a construção de contraste argumentativa no nível mais esquemático, e os dêiticos pessoais especificados na mesoconstrução (subesquema), no plano da forma representado pelo pronome pessoal (destacado em cinza), conforme a representação hierárquica, no esquema em (06).), mas com duas opções de subníveis, sendo um pronominal e outra com sintagmas nominais dêiticos, conforme já discutimos, acima. Vejamos a representação.

Esquema 6 - Construção de contraste argumentativo pessoal



Fonte: a autora.

Este subesquema é construído com a presença de um dêitico pessoal, ou seja, pronomes pessoais. Nos discursos analisados, estes pronomes fizeram referência às pessoas que estavam presentes no momento da enunciação; evidenciando um traço mais tradicional da dêixis, que aponta para seres ou objetos no momento da fala, ou para o próprio falante ou ouvinte.

5.5 Rede hierárquica da construção de contraste argumentativo

No quadro construcionista, os diferentes níveis de esquematicidade, vão de um nível mais baixo, com instanciações concretas, lexicalmente preenchidas, passando para o nível acima que contém construções especificadas (por exemplo, classe verbal); acima, construções específicas semanticamente; e o nível acima contém a abstração entre os itens do nível abaixo.

Esta organização de construções aponta para diferentes graus de esquematicidade (Traugott; Trousdale, 2013, Barðdal, 2006, 2008).

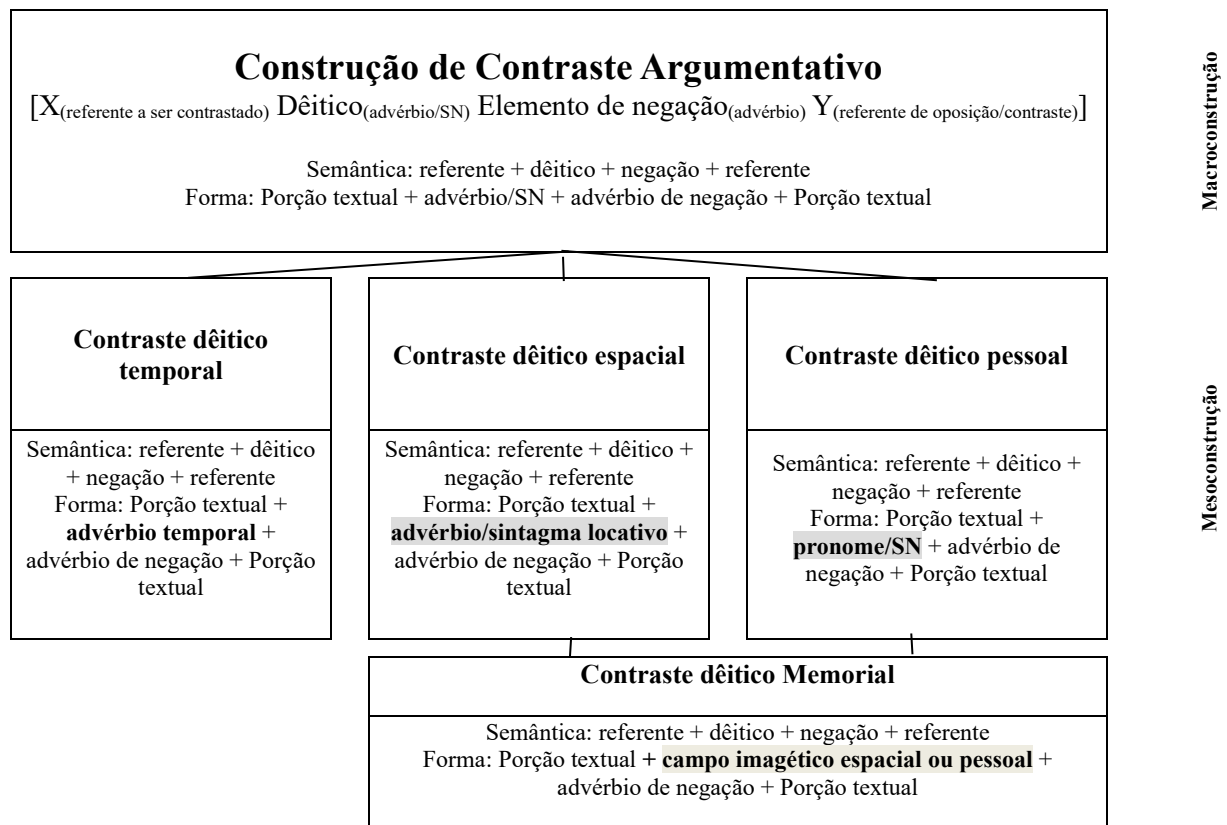
Se observamos os exemplos destacados ao longo do trabalho, em todos temos a ocorrência do esquema [X_(referente a ser contrastado) Dêitico_(advérbio/SN/Pronome) Elemento de negação_(advérbio) Y_(referente de oposição/contraste)] que é representado pela construção de contraste argumentativa, conforme já representado no quadro (02), no início desta dissertação, que é a nossa macroconstrução.

Ao retomarmos as considerações de Marmaridou (2000) acerca do ato da dêixis, torna-se evidente que este envolve apontamento para uma entidade no espaço mental no qual o falante e o destinatário são coapresentados em determinado ponto no tempo. A dêixis, nesse contexto, implica um gesto de apontamento para uma entidade no espaço mental. Isso confere à comunicação um elemento de coapresentação, no qual os interlocutores compartilham não apenas o espaço comunicativo, mas também o tempo, criando assim um terreno fértil para a compreensão mútua das referências, algo bastante defendido na visão funcionalista (ver, por exemplo, Dik, 1989).

Além disso, no que diz respeito à construção de contraste argumentativa, é importante destacar que a partícula negativa (não) desempenha um papel crucial na estruturação do discurso, uma vez que introduz uma negação contrária. Em outras palavras, ao utilizar a partícula negativa, estamos cancelando uma determinada propriedade, o que implica que o sujeito (S) não possui essa propriedade (P). Essa negação contrária não só adiciona complexidade ao discurso, mas também amplifica o contraste entre as ideias ou argumentos apresentados. Ao afirmar que "S não é P", estamos explicitamente declarando que "S é não-P", o que reforça a distinção entre o que é e o que não é aplicável ao sujeito em questão. Essa dinâmica de negação e contraste é essencial para a articulação de argumentos sólidos e a clareza na expressão de ideias dentro do discurso. A negação explícita produz um efeito enfático do compromisso assertivo, em vez de uma mera ausência de julgamento. Assim, quando afirmamos que "S não é P", não estamos apenas afirmando a ausência de uma característica, mas estamos deliberadamente negando sua presença, enfatizando o comprometimento assertivo com a posição oposta. Com isso, essa negação explícita atua como um operador de inversão polar. Em outras palavras, ela não apenas contradiz, mas também inverte a polaridade, reforçando a oposição entre as partes contrastantes. Acreditamos que essa estratégia seja a base para sinalizar a diferença de maneira mais marcada, o que gera o efeito irônico e humorístico nos discursos.

Assim, a combinação da dêixis e da negação contribui para a construção de uma argumentação discursiva que vai além da simples exposição de contrastes, adicionando uma camada de persuasão ao discurso. Com isso, a construção de contraste argumentativo apresenta diferentes nuances a depender dos dêiticos, pois desempenha um papel crucial na criação de nuances discursivas, o desenvolvimento de perspectivas individuais e a conexão com o público. Além disso, opera no efeito de polaridade (referente positivo e negativo) na construção. Essas nuances são representadas pela caracterização da dêixis temporal, dêixis espacial/memória e dêixis pessoal, que são representadas pelas mesoconstruções em nossa rede hierárquica da construção de contraste argumentativo, conforme a representação na figura (07).

Figura 7 - Rede hierárquica da construção de contraste argumentativo



Fonte: a autora.

Portanto, a figura (07) acima apresenta, no nível mais abstrato, todos os elementos que compõem a construção, sua forma e sua função, formada por [X (porção textual A) [dêitico + advérbio de contraste] Y (porção textual B)] com a função de estabelecer uma relação de oposição/contraste entre X e Y.

No segundo nível, temos as mesoconstruções formadas por subespecificações dos tipos dêiticos, destacamos os três tipos analisados: dêiticos temporais, dêiticos espaciais e dêiticos pessoais. Embora atendam a mesma função, contraste argumentativo, destacam-se particularidades acionadas por cada tipo dêitico, os temporais, estabeleceram contraste entre tempos distintos (passado e presente), o que reflete na escolha dos tempos verbais dos constructos. Já os dêiticos espaciais apontam para uma referência no espaço, normalmente entre o ambiente em que o ocorre o evento e outro contrário a este, esta referência pode ser física e apontar para ambientes concretos (normalmente onde ocorre o evento) ou apontar para lugares reconhecidos pela memória, um lugar diferente do que ocorre a enunciação, o que nos leva a definir como dêixis de memória.

Finalmente, os dêiticos pessoais são mesoconstruções formadas com pronomes pessoais e/ou de tratamento nos casos mais “tradicionais”. Destes foram encontrados mais exemplos, o que se justifica pelo grau de prototipicidade deste tipo dentro da categoria dêitica. Consideramos este como o mais produtivo e mais prototípico pelo grau de subjetividade que o dêitico pessoal sugere. Além desses casos, encontramos dêiticos pessoais formados por sintagmas nominais que se referem a pessoas ou grupo de pessoas retomando, assim, uma referência da memória a partir da descrição do enunciador.

Estas variantes destacadas nos dêiticos espaciais e pessoais como dêixis de memória reforça o que foi descrito por Marmaridou (2000), a qual defende o Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) dêitico; este modelo descreve a dêixis como fenômeno, dessa maneira, diversas palavras, termos e expressões podem atuar nele, desde que atendam aos requisitos estipulados na descrição do MCI. Ao tratar da dêixis a partir desta perspectiva concordamos também com o Raposo (2013) que afirma que a dêixis “permite refletir entidades através do seu posicionamento relativamente ao espaço ocupado pelos intervenientes no ato da enunciação, em particular o falante e o ouvinte” (RAPOSO et al., 2013, p. 395)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação apresentou a investigação e análise dos contextos de uso da construção de contraste argumentativa, representada pelo esquema [X é contrastado [DÊITICO + ADV contrastivo] por Y], que pode ser preenchida por diferentes dêiticos, por exemplo, *aqui não, hoje não, eu não*, a partir da análise de dados de usos da língua extraídos de vídeos de conotação humorística. Além disso, procuramos observar: (i) a natureza dos dêiticos que se distribuem em subesquemas que são utilizados para o propósito comunicativo da argumentação do discurso; e (ii) o significado construcional destas expressões decorre da relação entre os lexemas e as características em que as expressões linguísticas (construções) são utilizadas, ou seja, uma relação entre os aspectos formais e os discursivos-pragmáticos. Esses objetivos decorrem de nossa hipótese de que o uso desta construção promove uma argumentação no discurso do falante e que a marcação desta pode ser favorecida pelo tipo de dêitico presente.

Dessa forma, primeiramente, analisamos os tipos dêiticos nos dados encontrados, a partir da análise dos lexemas que compõem o slot [DÊITICO + ADV contrastivo]. Na sequência, analisamos e descrevemos as instâncias de sentido dos usos encontrados. Por fim, procuramos oferecer a representação hierárquica dos dados analisados.

Em relação à frequência de usos e a natureza dos dêiticos, com base na análise de 25 ocorrências, a distribuição revela que 60% estão relacionadas a dêixis pessoais, enquanto dêixis temporais e espaciais/de memória têm uma incidência de 20% cada. A predominância de dêiticos pessoais é atribuída à sua natureza, que envolve o enunciador, devido à capacidade de agregar subjetividade ao discurso. Esses elementos são prototípicos na dêixis, conferindo subjetividade e enfatizando o contraste argumentativo.

Em relação ao contraste argumentativo do campo dêitico temporal, a análise dos dados aponta que o dêitico temporal desempenha um papel importante na argumentação, principalmente, evidenciando contrastes entre dois referentes comparados. A utilização de dêiticos temporais como "antes" e "agora" estabelece comparações entre dois momentos distintos, ressaltando mudanças sociais, comportamentais ou experiências pessoais, que são referenciais da porção textual A e B. A referência ao tempo passado, marcada por verbos conjugados no pretérito, em sua maioria, serve como ponto de partida para a comparação, enquanto o dêitico "agora" destaca o presente, realçando as transformações ocorridas. A

presença do lexema negativo "não" nega o referente a ser comparado, evidenciando que o contraste ocorre por meio da polaridade entre as duas partes textuais.

Em relação ao contraste argumentativo do campo dêitico espacial, observamos tanto a ocorrência de dêiticos associados a advérbios locativos como "aqui, ali, lá" e nomes referenciais como "na loja, na casa, na escola". Dessa forma, a dinâmica do contraste argumentativo em nosso *corpus* não se restringe ao ambiente imediato da enunciação, estendendo-se ao campo imagético e memorial. Nos exemplos analisados, os dêiticos são acionados não apenas para reconhecer uma referência, mas para destacar o ponto de vista do enunciador.

Em relação ao contraste argumentativo do campo dêitico pessoal, percebe-se que os dêiticos pessoais não apenas indicam a posição do falante no discurso, mas também contribuem para a construção de identidade e perspectiva. A escolha de pronomes específicos, como "a gente" reforça a conexão com o público, enquanto "você" centraliza a perspectiva do interlocutor.

A construção de contraste argumentativo apresenta nuances variadas, dependendo dos dêiticos utilizados, desempenhando um papel crucial na criação de nuances discursivas, no desenvolvimento de perspectivas individuais. Além disso, essa construção opera no efeito de polaridade, destacando tanto referentes positivos quanto negativos na argumentação, criando o quadro contrastivo. Essas nuances são representadas pelas características específicas da dêixis temporal, dêixis espacial/memória e dêixis pessoal.

Soma-se, ainda, que o Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) dêitico, desenvolvido pela autora Marmaridou (2000), descreve a dêixis como um fenômeno no qual diferentes lexemas podem atuar. A autora cria um sistema com determinados paradigmas que determinam se um item é um dêitico ou não. Dessa forma, compreendemos que Marmaridou não observa palavras dêiticas, como uma categoria de palavras, mas sim, como um fenômeno que diversos itens podem atuar desde que atendam às regras determinadas pelo sistema. O pensamento da autora torna-se bastante caro os estudos desenvolvidos na pesquisa uma vez que dados de diferentes natureza foram encontrados nos canais pesquisados, mas tradicionalmente, alguns não seriam considerados dêiticos e, logo, não seriam aproveitados para a análise.

Por fim, em pesquisas futuras, a pesquisa pode ser aprofundada a partir da análise multimodal, principalmente, no que se refere aos usos dos gestos. Outro caminho de pesquisa é aprofundar a discussão sobre a polaridade e questão da negação envolvida na construção aqui analisada. Também outra frente de trabalho é verificar outras construções de contraste

em diferentes gêneros para aprofundar o quadro de pesquisa sobre contraste no PB, na esfera humorística,

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Dulcelita Pereira Ribeiro de. **O uso da negação no português brasileiro: gramática e gramaticalização**. 2009. 163 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.
- ANDRADE, H.; FERRARI, L. Dêixis, espaços mentais e categorização: o caso dos pronomes *we* e *you* em inglês. **D.E.L.T.A.**, 33, 1, 2017, p. 219-241.
- BARÐDAL, J. **Predicting the Productivity of Argument Structure Constructions**, BSL 32, n. 1 2006, Berkeley Linguistics Society and the Linguistic Society of America.
- BARÐDAL, J. Productivity. **Evidence from case and argument structure in Icelandic**. **Amsterdam/Philadelphia**: John Benjamins, 2008.
- BELFORD GOMES, E. M. **A estrutura [SN + PRONOME ANAFÓRICO + VERBO] nos gêneros sermão, entrevista televisiva e aula**. Tese de Doutorado (Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.
- BENVENISTE, E. A natureza dos pronomes. In: BENVENISTE, E. A. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral**. 2. ed. Tradução de Maria G. Novak; Maria L. Neri; revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. Campinas: Pontes. 2v, 1988.
- BÜHLER, Karl. **Sprachtheorie: Die Darstellungsfunktion der Sprache**. Jena: Fischer. 1934.
- BÜHLER, Karl. The deictic field of language and deictic words. In: JARVELLA, R.J.; KLEIN, W. (eds.) **Speech, place and action: studies in deixis and related topics**. New York: John Wiley and Sons, p. 9-30. 1982.
- CABRAL, A. L. T. **A força das palavras: dizer e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CANÇADO, M. **Manual de semântica**. Belo Horizonte: editora da UFMG, 2005.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Aspecto verbal no português falado**. In: **Gramática do português falado: novos estudos descritivos**. Tradução . Campinas: Editora UNICAMP, 2002.
- CASTILHO, A.T. Fundamentos teóricos da gramática do português culto falado no Brasil. **Alfa**, São Paulo, 51 (1): 99-135, 2007.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. – 1. ed., 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2014.
- CAVALCANTE, M. M. **Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. A dêixis discursiva. **Revista de Letras**, n. 22, v. 1/2, p. 47-55, 2000.

CERVONI, J. **A enunciação**. São Paulo: Contexto, 1989.

CHAFE, W. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects and topics. In: LI, C. (ed.) **Subject and Topic**. Nova York: Academic Press, 1976, p. 27-55.

CHAGAS, Diogo Silva; FREITAS, Henrique Campos. O fenômeno da negação nas tirinhas de Armandinho. **Mandinga – Revista de Estudos Linguísticos**, Redenção-CE, v. 01, n. 02, p. 25-37, jul./dez. 2017.

CIULLA, A. A dêixis: fenômeno referencial ou enunciativo? **Revista Investigações**, Recife, v. 33, Nº especial, Texto: gêneros, interação e argumentação - III Workshop de Linguística Textual, p. 200 - 216, 2020.

CIULLA, A. **Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos**. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, 2008.

CIULLA, A.; MARTINS, M. A. Um estudo sobre classificações de tipos dêiticos. **Rev. de Letras**, n. 36, v. 2, 2017, p. 78-90.

CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Gramática de construções: princípios básicos e contribuições. In: OLIVEIRA, Mariangela Rios; CEZÁRIO, Maria Maura Cezário. (Org.). **Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes**. 1. ed. Niterói: Eduff, 2017. p. 17- 46.

CLERES, D.; WIEDEMER, M. L.; CEZARIO, M. M. **A construção [(x) agora (y)] na esfera jornalística do século XIX**. Anais do II Seminário do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexões de Orações, v. 1, n. 2, Niterói: Letras UFF, 2019, p. 172-196.

CORDEIRO, F. S.; BISPO, E. B.; LUCENA, N. L. Esquematicidade, produtividade e composicionalidade de nomes deverbais em –nte. **Letras Escreve**, Macapá, v. 11, n. 1. p. 111-125, 2021.

CROFT, W. **Radical Construction Grammar: Syntactic theory in typological perspective**. Oxford University Press, 2001.

CROFT, W. Logical and typological arguments for Radical Construction Grammar. In: ÖSTMAN, J-O; FRIED, M. (eds.). **Construction grammars: cognitive grounding and theoretical extension**. Amsterdam: Benjamins, 2005.

CROFT, W. Construction grammar. In GEERAERTS, D.; CUYKENS, H. **The Oxford handbook of cognitive linguistics**, 2007, p. 463-508.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive Linguistics**. Cambridge Textbooks in Linguistics. Cambridge University Press, 2004.

DIK, Simon C. **The theory of functional grammar**. In: The structure of the clause. Dordrecht-Holland/Providence RI - USA: Foris Publication, 1989.

DIESSEL, H. **The Grammar Network: How language structure is shaped by language use**. Cambridge: University Press, 2019.

DIESSEL, H. Usage-based Construction Grammar. In: DABROWSKA, E.; DIVJAK, D. **The Handbook of Cognitive Linguistics**. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 2015.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

DUCROT, O.; CAREL, M. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 7-18, jan./mar. 2008

ENDRESEN, A.; JANDA, L. A. Taking Construction Grammar One Step Further: Families, Clusters, and Networks of Evaluative Constructions in Russian. **Frontiers in Psychology**, v. 11, 2020, p. 1-21.

FERRAREZI JR. C. **Semântica**. Parábola: São Paulo, 2019.

FERRAREZI JR., C. **Semântica para a educação básica**. São Paulo: Parábola Editoria, 2008.

FERREIRA, J. S.; FERRARI, L. V. Mesclagem, polissemia e dêixis. **Revista Linguística**, v. 2, n. 1, p. 39-68, 2006.

FERREIRA, Lilian; FONTES, Viviane Moura. Dêixis e mesclagem: a expressão pronominalizada "a gente" como categoria radial. **Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro**. Volume 6, número 2, dezembro de 2010, p. 30-46.

FILLMORE, C. J. **Lectures on deixis**. California: CSLI Publications Stanford, [1971]1997

FREITAS JR., Roberto de F.; SILVA, Augusto S.; PINHEIRO, Diogo O. R. Gramática de Construções Baseada no Uso. **Revista Soletras**, n. 45, , 2023, p. 1 – 15.

FONSECA, Fernanda Irene (1996). "Deixis e pragmática linguística", in **Introdução à Linguística Geral e Portuguesa**, Org. de Isabel Hub Faria, Emília Ribeiro Pedro, Inês Duarte, Carlos A.M.Gouveia, Ed. Caminho, Lisboa, 1996, (pp.437-445).

FONSECA, F. I. **Dêixis, tempo e narração**. Porto: Fund. Eng. António de Almeida, 1989

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. O Modelo das Motivações Competidoras no Domínio Funcional da Negação. **D.E.L.T.A.** 2001, p.1-30.

GIVÓN, Talmy. **Bio-linguistics: the Santa Barbara lectures**. Amsterdam: John Benjamins, 2002.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: an introduction**. v. 1 e 2. Amsterdam: John Benjamins, 2001a/ b.

GIVÓN, Talmy. **Ute reference grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 2011.

GOLDBERG, A. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. Constructions: A new theoretical approach to language. **Trends in Cognitive Sciences** 7(5), 2003, p. 219–224.

GOLDBERG, A. **Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

GOLDNADEL, LIMA, BREUNIG, ESQUIVEL & LUZ. Estratégias alternativas de negação sentencial na região sul do Brasil: análise da influência de fatores pragmáticos a partir de dados do projeto VARSUL. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 21, n 2, p. 35-74, jul./dez. 2013.

HOFFMANN T.; TROUSDALE, G. Variation, change and constructions in English. **Cognitive Linguistics** 22, 2011, p. 1-23.

ILARI, R. Negação e quantificação. In: **Linguística Românica**, Vol. 2, pp. 121-140. Editora Ática, 2001.

JANDA, L. A. Cognitive Linguistics in the Year 2015. **Cognitive Semantic** 1, 2015, p. 131-154.

JANDA, L. A. Quantitative perspectives in Cognitive Linguistics. **Review of Cognitive Linguistics** 17, v. 1, 2019, p. 07-28.

LANGACKER, R. W. **Cognitive Grammar: a Basic Introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LEVINSON, S.C. A dêixis. In: **Pragmática**. Trad. Borges e Mari. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LIMA, G. DE O. S., & SANTOS, C. C. C. Campo dêítico da memória: o quadro da temporalidade. **Revista PROLÍNGUA**, n. 1, vol. 9, 2014, p. 15 – 25.

LOBO, Maria. **Aspectos da sintaxe das orações subordinadas adverbiais do português**. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2003.

LONGHIN, Sanderleia; FERRARI, Luísa. Mudança no sistema de contraste no português: entre codificação e inferenciação. **Revista da Abralín**. v. 19, n. 1, 2020.

MARMARIDOU, S. **On Deixis. Pragmatic meaning and cognition**. (Pragmatics & Beyond, New Series) 72ed. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000.

MARTINS, M. A. **A caracterização dos tipos de dêixis como processos referenciais**. Tese (mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, 2019.

MESQUITA, R. M. **Gramática da Língua Portuguesa**. 8ª ed. São Paulo: Saraiva, 2004.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

NEVES, M. H. M. **A Gramática do Português revelada em Textos**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

NEVES, M. H. M. Gramática e texto. Texto e gramática. A funcionalidade em questão. **Confluência**. Rio de Janeiro: Linceu Literário Português, Especial 30 anos, 2021, p. 56-77.

PAREDES SILVA, V. L. Subject omission and functional compensation: evidence from written Brazilian Portuguese. In: **Language and Variation and Change**. Cambridge University Press, 1993, v. 5, n. 1, p. 35-49.

PEREK, F. **Argument structure in Usage-Based Construction Grammar: Experimental and corpus-based perspectives**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2015.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. 4ª ed., São Paulo: Ática, 2005

PINHEIRO, D. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. In: ALVARO, P. T.; FERRARI, L. (Orgs.). **Linguística Cognitiva: dos bastidores da cognição à linguagem**. Campos: Brasil Multicultural, a sair.

PINHEIRO, D.; FERRARI, L. Linguística Funcional, Linguística Cognitiva e Gramática de Construções: mapeando o campo das abordagens cognitivo-funcionais. **Linguística**. Rio de Janeiro, v. 16, n. Esp, 2020, p. 495-621.

PINHEIRO, H, P. F.; AVELAR MIRANDA, M. Uma análise cognitiva do dêitico aqui em dados orais e multimodais. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 75, dez. 2017, p. 113-122.

RAPOSO, E. P. B.; NANSCIMENTO, M. F. B.; MOTA, M. A. C.; SEGURA, L.; MENDES, A. com colaboração VICENTE, G.; VELOSO, G.; VELOSO, R. (orgs.) **Gramática do Português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, vol. I e II, 2013, vol. III, 2021.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 47ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Ltda, 2008.

RODRIGUES, Violeta Virgínia. Uso(s) de conectores: uma abordagem funcional-discursiva. **Diadorim**, Rio de Janeiro, vol. 20 – Especial, p.535-560, 2018.

ROSÁRIO, I. da Costa; OLIVEIRA, Mariângela Rios. **Funcionalismo e abordagem construcional da gramática**. **Alfa**: Revista de Linguística (UNESP. Online), v. 60, p. 233-259, 2016. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60_2-0233.pdf.

RÜHLEMANN, C.; O'DONNELL, M. B. Deixis. In: AIJMER, K.; RÜHLEMANN, C. **Corpus Pragmatics**, p. 331-359, 2014

SANTOS, Leonor Werneck dos.; MORAIS, Margareth. **Dêixis pessoal e temporal: aspectos sociointeracionais e sociodiscursivos**. Revista **Investigações**, Recife, v. 30, n. 2, p. 38-64, jul./dez. 2017.

SILVA, W. P.; MARCHON, A. H. Argumentação multimodal: uma proposta teórico-metodológica. **Acta Scientiarum**, 2021, p. 1-14.

TEIXEIRA, A. C. M.; OLIVEIRA, M. R. Por uma tipologia funcional dos marcadores discursivos com base no esquema construcional Verbo Locativo. **Veredas** (UFJF. Online), v. 16, p. 19-35, 2012.

TRAUGOTT, E. C., TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional changes**. Oxford: OUP, 2013.

WIEDEMER, M. L.; OLIVEIRA, V. M. Graus de esquematicidade e produtividade: a relação entre gradiência e extensibilidade. **Revista Soletras**, v. 1, 2019, p. 59-82.